O CAMPEÃO DAS PROVINCIAS

ANNO XLIII

Assignaturas: SEM ESTAMPILHA: Anno, 4$000 réis; Semestre, 2$000 réis; Trimestre, 1$000 réis; Avulso, 40 réis. COM ESTAMPILHA: Anno, 4$500 réis; Semestre, 2$250 réis; Trimestre, 1$125 réis; Avulso, 45 réis.—Pagamento adeantado.

PUBLICA-SE AS QUARTAS E SABBADOS

QUARTA-FEIRA 8 DE NOVEMBRO DE 1893

Publicações: Correspondencias particulares, 40 réis por cada linha, no typo commum do jornal Annuncios, 30 réis por linha; Repetições, 20 réis, accrescendo o imposto do sêllo.—Recebem-se annuncios annuaes, mediante contracto especial.

NUMERO 4:313

E' um dos nossos correspondentes em Pariz **Monsieur A. Lorette.**—Rua Caumartin, 61.

SUMMARIO: — Um attentado constitucional.—Interesse local.—Concelho de Goes.—Fallecimento.—Noticias do estrangeiro.—Carta de Lisboa.—Noticiario.—Caminho de ferro do Valle do Vouga.—Os partidos politicos em Portugal.—Folhetim: Magdalena.—Azeitão: Paço dos Aveiros em suas relações com a historia.—Carta de Valle de Besteiros.—Secção agricola.—Secção official.—Secção litteraria.—Bibliographia.—Bibliotheca Historico-Politica.

AVEIRO

Um attentado constitucional

Parece que effectivamente o governo se prepara para commetter o mais andacioso attentado constitucional de que ha memoria, decretando a dissolução das camaras. Não o fará sem o protesto vehemente de todos os homens sérios, e sem que obrigue a corôa a assumir uma responsabilidade que não pode nem deve assumir nas actuaes circumstancias politicas do paiz.

O decreto da dissolução das camaras, será um golpe certeiro vibrado pelo partido regenerador nas instituições. E' o cartel de desafio lançado ás faces d'um partido que promettera collaborar com toda a sua boa vontade na obra da regeneração que o governo se propozera edificar no poder, que lhe dispensara todo o seu poderoso auxilio na resolução dos difficeis problemas que elle promettera resolver, e que o ajudou com uma dedicação a toda a prova, tão alevantada e tão digna que não tem precedentes na historia das grandes generosidades politicas e dos grandes commettimentos tradiccionaes nos fastos d'essa honrada agrupação partidaria,

Tão longe vão as pretenciosas ambições do sr. ministro do reino! Tão longe leva elle o seu facciosismo e a sua maleabilidade ridicula e insaciavel! E não vê que arrasta comsigo na queda a respeitabilidade do monarcha, que tem por dever respeitar, sobre todos, os interesses do paiz que deseja servir!

Lamentamol-o profundamente, e mais ainda porque o illustre e nobre chefe da situação não possa contêr na queda desastrosa o nome do seu partido de que é decerto uma das individualidades mais distinctas e uma das capacidades mais provadas. E' a conflagração geral, em que o governo vae lançar o paiz. Evitem-a por sua honra, evitem-a pela honra propria.

Sobre o assumpto, que tracta como todas as importantes questões que se debatem na alta politica portugueza, escreve o nosso considerado e esclarecido collega lisbonense, *O Commercio de Portugal*, o magistral artigo que segue e com o qual plenamente concordamos:

A DISSOLUÇÃO

Consideramos tão temerario, tão absurdo e tão insensato o projecto que se attribue ao governo, de propôr á corôa a dissolução da camara dos deputados e a da parte electiva da dos pares, que temos levado á conta de simples estratagema politico de uma parte da imprensa, para alimentar a discussão jornalistica, os boatos que n'esse sentido se teem espalhado. E mais extraordinaria nos parece essa singular versão, por se dizer tambem que foi o sr. ministro do reino que suggeriu a desgraçada ideia e por ella pugna com todas as forças, contra a opinião e o voto de alguns dos seus collegas, a começar pelo do chefe do gabinete. Se assim fosse, teriamos mais uma aberração politica a registar e mais um argumento valioso para combater o tresloucado alvitre.

Queremos, porém, deixar de parte a segunda hypothese, pelo muito que respeitamos o nobre caracter do sr. conselheiro Hintze Ribeiro e pelo nosso empenho de que no seio do governo se não deem dissidencias tão profundas, como seria essa que estamos vendo commentada e discutida em jornaes de Lisboa e nos das provincias.

Além de que, o principio de solidariedade não é cousa de tão pouca monta, que possa ser posta de lado n'uma questão d'este vulto, que envolve todos os ministros, a começar pelo chefe da situação. Assim, tenhamos como corrente, que são *todos os membros de gabinete*, que resolveram propôr á corôa a dissolução e que é assim que ella lhe ha de ser apresentada perante o Conselho d'Estado. O que alli hão de dizer os verdadeiros amigos de Rei, quaes as ponderações a fazer para demonstrar a imprudencia de similhante proposta e até onde poderá conduzir-nos a cumplicidade da corôa em uma insolita provocação aos homens que mais serviços teem prestado ás instituições, tudo isto é facil de conjecturar, porque tudo isto naturalmente lembra a qualquer espirito reflectido, que conheça os perigos da conjunctura e saiba como elles se pódem aggravar com o acto impudente que se pretende pôr em execução. Lembrar a origem da organisação do actual ministerio é encontrar logo resposta negativa ás pretensões do sr. ministro do reino e dos seus collegas. As indicações no momento eram todas favoraveis ao partido progressista. Arredado ao principio acintosamente do poder e depois por vontade propria e como nobre exemplo de abnegação e de civismo, desde que os regeneradores com longa e preponderante representação em ministerios succesivos, fazendo n'um as eleições pelos seus ministros e auctoridades e n'outro pelas mesmas auctoridades, ainda que por ministros differentes, se tinham impossibilitado para o governo, era logico e era constitucional que fosse tomar a direcção dos negocios, quem estava fóra do poder e livre, portanto, das responsabilidades que haviam determinado a queda dos ultimos gabinetes.

Isto mesmo diziam os srs. conselheiros Hintze Ribeiro e João Franco ao sr. conselheiro José Luciano, quando assiduamente procuravam em sua casa o illustre chefe do partido progressista, com o fim de o convencerem a tomar conta do governo. Não succedeu, porém, assim e porquê? Porque o illustre estadista sollicitado, pondo acima das conveniencias do seu partido as conveniencias publicas, ponderou que era inopportuno o momento para a dissolução das camaras, e que tendo o partido regenerador maioria alli, porque a dos pares tinha sido por elle eleita e a dos deputados o fôra com larguissimas concessões que lhe fizera o sr. conselheiro José Dias, tinha elementos seguros para fazer approvar o accordo com os crédores estrangeiros, e até as medidas tributarias, que as circumstancias impozessem, mantendo-se os progressistas na mais patriotica posição, fugindo de levantar difficuldades ao governo e ajudando-o até a destruil-as e a vencel-as.

Foi, portanto, para evitar a dissolução *e só por isso*, que o partido progressista não acceitou o poder e o acceitaram os regeneradores, e d'ahi vem o espanto que causa ouvir-se dizer agora que são os mesmos regeneradores que querem propôr essa dissolução, que elles entendiam que era o *unico impedimento* á entrada no governo do sr. conselheiro José Luciano e dos seus amigos.

Pois se os regeneradores julgam que já desappareceu a razão d'esse *unico impedimento*, como é que são elles e não os progressistas que teem de dirigir os negocios publicos?

Perderam os primeiros a maioria em ambas, ou em alguma das camaras? Como? Quando? Onde é que se manifestou esse desaccordo?

Mas se o governo tem a consciencia de que voltando a apresentar-se de novo ao parlamento, elle se insurgirá contra os seus actos e lhe recusará o seu apoio, porque é que não abandona desde já as cadeiras do poder e não deixa a Corôa livre e desembaraçada para resolver a crise politica, que esse facto ha de determinar? Pois um governo que perde a confiança de duas camaras, uma eleita por elle e outra pela sua immediata e directa influencia, é o mais proprio para appellar para o paiz? Pois quem é condemnado pelos proprios amigos, sem o menor acto ostensivo de hostilidade por parte dos seus contrarios, que pelo contrario o coadjuvaram, com a mais decidida lealdade e nunca vista correcção, tem direito a dissolver um parlamento e a recorrer, pela *terceira vez*, á urna?

Mas isso equivaleria a eternisar-se um partido no poder e n'esse caso só elle era indispensavel e os outros bem sabiam o que tinham a fazer. E' isso o que querem os regeneradores? E' *esse o seu intuito? E parece-lhes ter* chegado o momento para a realisação d'este seu ideal? Que responda em primeiro logar o Conselho d'Estado e depois a Corôa, porque um golpe como o que se está forjando, não póde ser vibrado sómente pelo sr. ministro do reino, ainda que tenha a ajudal-o todos os seus collegas; braço mais possante tem de intervir e de descarregal-o com decisão e com valôr. Bom é accrescentar que tudo quanto fica dito e é da maxima notoriedade, foi tambem declarado á Corôa e esta circumstancia é de peso, para quando o assumpto se tratar com as solemnidades que a Constituição estabelece, salvo se a declaração já feita, de que o governo conta *com todo o favôr da Corôa para o caso da dissolução* equivale a dispensar a convocação d'aquelle alto corpo politico e a entrar-se francamente em um periodo de politica aventurosa, de que a audaciosa proposta do governo é o primeiro annuncio.

Se o fizerem não ha de ser com o consenso do partido progressista, que se mantem no seu posto de absoluta intransigencia contra tudo o que seja postergarem-se as praticas e sophismarem-se as indicações constitucionaes, faltando-se aos compromissos tomados e fazendo-se do poder o monopolio de um partido.

A sua abnegação e o seu patriotismo oppõem-se ao contrario, que seria uma subserviencia ignobil aos caprichos do governo e a erros fataes que elle não poderia remediar. Antes começasse a dissolução por elle proprio, para não lhe caber a responsabilidade do grande desastre que havia de seguir-se, se dissolvessem uma camara aquelles mesmos que a propozeram e nos seus braços foram levados ao poder. Se é isto o que se pretende; se os regeneradores acham o mundo pequeno para os seus vôos d'aguia e lhes parece demais esse partido que elles dizem fraco e sem elementos de governo por ter sido abandonado exactamente pelos homens que elles proprios mais escandalisaram e offenderam; se se sentem com sufficiente vigor e energia para arcarem a sós com os republicanos e vencel-os, fortificando assim as instituições e garantindo-lhes longos annos de vida tranquilla e prospera, desmentindo por esta forma a prophecia do *Jornal do Commercio* de que a dissolução das camaras seria a dissolução do paiz; se os hercules do governo se julgam bastante fortes para um emprehendimento d'esta ordem, não vacillem nem trepidem, e avancem denodados, que em breve colherão os triumphos do seu arrojo.

Interesse local

Teem-se succedido ultimamente os casos de incendio na cidade, e com tão desusada frequencia que de todos se acerca, cada vez mais temeroso, o receio de novos e mais desastrados sinistros.

Dotou a vereação municipal de 1881 a cidade com um material completo de soccorros contra incendios, creando a humanitaria companhia de bombeiros, cujos benemeritos serviços se revelaram já por não poucos actos de coragem e de valor a toda a prova, salvando vidas e haveres e acudindo sempre solicita onde a chama o dever de luctar contra qualquer calamidade publica. Esse material, porém, que, não obstante ser um dos melhores do paiz, não podia durar sempre, deteriorou-se em parte pela acção do tempo e do serviço, sem que a administração municipal transacta gastasse um real em melhoral-o, ou em reparal-o sequer. Luctou o seu digno e illustrado commandante pela conservação do existente com todo o carinho d'um pae extremoso e dedicado; mas não poude tudo o seu exforço, e sem o auxilio dos que tinham por dever velar melhor pelos interesses que lhes foram confiados e melhor zelar os destinos da administração municipal, a perda seria talvez total, se lhe não acudissem agora os que tomaram sobre si o encargo pezado de succeder-lhe.

O material de incendios chegou a estar sem mangueiras, o quartel sem cobertura e todo o existente a deteriorar-se e a perder-se. Não foi á mingua de solicitações do commando e direcção da companhia, não, que todos esses homens, empenhados no bom exito dos seus prestantes exforços, luctaram com denodo contra as maiores difficuldades; mas porque a ultima administração municipal descurou de tudo, attrahida para o abysmo em que se precipitou n'uma cegueira a nada comparavel.

Esta é a verdade, que a justiça manda que se diga inteira, e ainda por ella deveremos accrescentar que, por uma comprehensão de deveres digna de louvor, a camara actual activa exforços para prover de remedio ao mal de que nos queixamos. Já se fez uma importante acquisição de mangueiras, vão adquirir-se mais, o quartel vae reparar-se convenientemente, mas isto não é tudo porque tambem a camara não pode tudo. E' de absoluta necessidade, necessidade urgente e imprescindivel, o abastecimento d'aguas na cidade, mas esse melhoramento é dispendiosissimo, e as despezas obrigatorias do municipio absorvem-lhe quasi que por completo a sua pequena receita.

As boccas de incendio ou marcos fontenarios, que se apregoaram no anno passado mas que ficaram tambem sepultados nos escombros do grande plano de melhoramentos apenas architetado na imaginação dos simples, são tambem de urgente precisão, e a camara actual, a quem se não deve negar vontade, ligaria o seu nome a um util melhoramento se o realisasse.

O serviço da extincção de incendios, necessita de todo esse poderoso auxilio. Poderá a camara dar-lho? Podia, decerto, se fossem outras as condicções em que lhe deixassem o cofre municipal.

Na impossibilidade de fazel-o, porque a vontade não pode ser superior ás forças orçamentaes, talvez conseguisse edificar dois vastos reservatorios d'agua, um em cada uma das freguezias da cidade, promptos sempre para as primeiras necessidades.

A companhia trabalha actualmente na organisação d'uma secção auxiliar, destinada a prestar todos os serviços compativeis com as suas forças na extincção de incendios. Estão já inscriptos bastantes rapazes de reconhecida aptidão e força de vontade, e para isso celebraram já a sua primeira reunião na segunda-feira ultima, para discussão dos estatutos, no quartel. Louvamol-os com verdadeiro enthusiasmo e fazemos os mais sinceros votos porque consigam com a sua cooperação decidida dar novas forças e novo alento á prestante companhia dos voluntarios. Estamos certos de que ninguem lhes recusará todo o auxilio de que precisarem, se em beneficio da instituição promoverem o que é de esperar que promovam.

Voltaremos ao assumpto.

Concelho de Goes

A desordem tomou n'este infeliz concelho o caracter de mais perigosa e requintada anarchia. O administrador do concelho, tuvolento e faccioso funccionario sobre quem pezam já gravissimas responsabilidades, continua a exercer alli a sua acção perniciosa e fatal, parecendo não haver meio de arrancar-lhe das mãos as redeas da governação administrativa concelhia.

O estado de arbitrio e a continuação permanente de indisciplina que a auctoridade alli implantou, é já um attentado que cada vez assume maiores e peiores proporções.

Já chamámos para o facto a attenção do sr. governador civil do districto; já impetrámos do sr. ministro do reino a sua interferencia para a punição dos abusos da auctoridade, que falseia o seu dever e escarnece o principio augustissimo da justiça. De novo nos dirigimos hoje a ss. ex.as, e tantas vezes o faremos quantas sejam necessarias para que por uma vez se tomem as precisas e urgentes providencias de que aquelle pobre concelho carece.

A facciosa auctoridade, que é causa de todos os males, porque está passando aquelle povo, chegou n'estes ultimos dias a accusar judicialmente cavalheiros respeitabilissimos, sobre quem não pezam culpas ou sequer as mais leves faltas, testimunhando-os com depoimentos falsos adrede forjados para comprometter unicamente individuos estranhos ás luctas bestiaes da mesma auctoridade.

Era só o que lhe restava. Mas o que decerto elle não sabe, como os irresponsaveis que o acompanham, é que a sua responsabilidade n'esse facto, é muito maior do que imaginam, e senão vejam o que dispõe o Codigo Penal, no seu artigo 238.º, que é o seguinte:

«Aquelle que em causa criminal e sobre as circumstancias essenciaes do facto, que é o objecto da accusação, testemunhar falso contra o accusado, será condemnado á pena de dois a oito annos de prisão maior cellular, ou, em alternativa, á de prisão maior temporaria.»

«§ 5.º O testimunho falso em materia civil será punido com prisão maior cellular de 2 a 8 annos, ou, em alternativa, com o degredo temporario.»

Ficamos hoje por aqui, mas fiquem certos todos os delinquentes de Goes, que havemos de perseguil-os com energia até onde fôr mister.

FALLECIMENTO

Acaba de fallecer n'esta cidade uma das senhoras mais respeitaveis que aqui teem vivido.

Esposa d'um cavalheiro que sempre consideramos, a sua vida passou-a na reclusão do lar domestico. Tendo um só filho, viveu para o educar, adorando-o. Casado com uma senhora muito destincta, teve a infelicidade de o perder, já homem—já chefe de familia. Soffrendo, soffrendo sempre, augmentou-lhe as amarguras da existencia, sempre dura e penosa, a falta do filho idolatrado! E' que nem sempre da abastançade meios resulta a mais completa felicidade. Não a teve na terra a santa martyr, cuja perda a sociedade aveirense hoje lamenta. E dizemos que a lamentam todos, porque a illustre finada era um complexo de virtudes difficeis de egualar.

E' de Deus por conseguinte a alma purissima da ex.ma sr.a D. Maria Augusta Barreto Ferraz Sachetti, esposa dignissima do digno par do Reino, sr. Cazimiro Barreto Ferraz Sachetti, a quem d'aqui enviamos a expressão sincera e sentida da nossa dôr.

Que o illustre dorido soffra com resignação o duro golpe que acaba de feril-o, é o que muito desejamos.

E' que a ninguem é dado evitar estas desditas—é que só DEUS É GRANDE E ETERNO.

NOTICIAS DO ESTRANGEIRO

As armas de Hespanha continuam a alcançar triumphos sobre as tribus africanas e o governo continua a enviar para Mellila reforços de tal modo importantes, que a não se dar alguma intervenção estrangeira, a opposição dos mouros não poderá prolongar-se por muito tempo, visto tambem affirmar-se que o imperador de Marrocos se propõe bater os seus subditos Rifenos.

A Hespanha acaba de ser theatro d'uma grande desgraça. Em Santander, um dos seus portos mais importantes, deu-se o caso de se incendiar um navio que continha grande quantidade de caixões de dynamite, de petroleo e de outras materias explosivas, facto que produziu a quasi destruição da cidade, e a morte de muitos centenares de pessoas. E' uma das maiores hecatombes de que a historia nos dá noticia. E' que um infortunio nunca vem só, é certo.

Do Brazil não ha noticia importante. A guerra entre Floriano e o almirante Barbosa continua sem adiantar para qualquer dos lados. E' o Brazil a desfazer-se em luctas intestinas, successo que sempre predissemos. A destruição do imperio deu o resultado que se está vendo—a ruina da patria que tão florescente fôra sob o regimen monarchico.

CARTA DE LISBOA

7 DE NOVEMBRO DE 1893.

Já se falla menos em dissolução, e falla-se menos desde que El-Rei, convencido que o acto seria mal recebido pelo paiz, não se mostra muito disposto a acceder aos propositos do sr. João Franco. Dentro mesmo do gabinete ha quem se opponha á medida, que, a verificar-se, seria nada mais e nada menos que um attentado contra as melhores regras de governação. Dissolver a camara, porquê? Porque o sr. ministro do reino não conta com maioria segura na representação nacional? Não póde ser, e não creio que venha a ser: O bom criterio do monarcha ha de saber collocar-se acima das velleidades do sr. João Franco; e se assim não succeder, mal irá aos que tanto se esforçam por manter em toda a sua altura a magestade das instituições. E' opinião geral entre os homens que mais lidam nas cousas politicas, que semelhante arbitrio não virá a ter o preito da consummação. Deve oppôr-se a isso, repito, o bom criterio do Rei—de que por emquanto não ha motivo para descrer—e a vontade publica, que receberia o acto em assomos de indignação difficeis de conter. O paiz não pode estar á mercê de um personagem qualquer que as circumstancias fazem ministro, e arbitro muitas vezes insciente das mais elevadas conveniencias do Estado. E' que chegámos á *perfeição* de se não escolherem para ministros homens versados nas cousas publicas, verdadeiros praticos na vida social. Quem souber fazer um discurso bonito, muitas vezes vazio de razões e de conhecimentos, está, n'esta infeliz terra portugueza, apto para ser ministro! Assim mal estamos e mal continuaremos a estar, por isso que para os conselhos da corôa não se chamam os homens encanecidos no serviço publico, com bastante pratica das cousas sociaes; mas as crianças que sabem fazer discursos bonitos. Ora isto é que não pode ser: contra isto ha de levantar-se o paiz em assomos de indignação quando se convencer de que é pessimo o caminho até hoje seguido.

— A imprensa progressista, pôz hoje a claro a questão da dissolução. Um jornal da tarde, que é um dos orgãos mais auctorisados do grande partido—grande até pela sua união, pela sua disciplina e pelo seu acatamento ás determinações do chefe—diz que a dissolução da camara, quando se verifique, dir-nos-ha que a corôa prescinde na rotação constitucional, do partido progressista. A questão é por conseguinte grave, e o imperante collocar-se-ha muito mal, se obtemperar ás propostas do gabinete—se é que elle ou a parte sensata d'elle—pensa em levar a effeito despauterio de semelhante marca.

Outro jornal da tarde, o *Dia*, dá já a dissolução como determinada, devendo ser chamado o conselho d'Estado para ser ouvido sobre a medida. Este collega precipitou-se em juizos por emquanto temerarios. Não se crê que as cousas vão até ahi. Ao jornal republicano convem-lhe levar o desgosto ao seio do partido constitucional que combate a medida, e por isso vae n'este rumo seu caminho. Socegue, porém, que ao imperante não falta o bom senso preciso para ver quanto a realisação da ideia prejudicaria as instituições, pelo convencimento a que todos chegariam, de que pouco ha a esperar de quem se deixa levar, na alta governação publica, pela influencia, quasi sempre nefasta, d'uns rapazelhos, ainda ha dias, meninos de escola.

— Verificou-se a modificação diplomatica *em que ha dias se fallava*. O sr. conselheiro Mathias de Carvalho vae para Roma, onde tão respeitado e querido é. O sr. visconde de Pindella vae para Berlim. O sr. conde de Macedo vae para Madrid, passando o sr. conde de S. Miguel para S. Petersburgo. E' uma modificação contra a qual não ha que oppôr. Prova isto que não é pela pasta dos estrangeiros que as cousas correm mal. O sr. Hintz Ribeiro é, incontestavelmente, um politico de bom senso e um homem leal.

— O sr. infante D. Affonso já se levanta. Porque entrou francamente no periodo de restabelecimento, vão celebrar-se preces em differentes egrejas.

— Está muito melhor dos seus incommodos e sr. conde de S. Januario. E sente tambem progressivas melhoras o sr. Francisco d'Almeida e Brito. Que tão bons amigos consigam restabelecer-se sem demora, é o que todos muito desejamos.

— A familia real regressa esta semana de Cascaes ao palacio das Necessidades.

— Regressou já de Espinho á sua casa de Lisboa, com sua ex.ma filha, o sr. conselheiro Antonio José da Rocha, decerto um dos mais distinctos membros do supremo tribunal de justiça.

— E' esperado aqui dentro de poucos dias o illustre chefe do partido progressista. O regresso de s. ex.a é reclamado por circumstancias especiaes da politica portugueza, e pela vontade geral dos principaes homens da nossa agrupação. Que regresse breve é o que todos pedem e desejam.

— O sr. ministro da guerra, que tem estado em Cascaes, regressou hontem definitivamente a Lisboa com sua familia.

— O sr. dr. Boavida, superior do collegio das missões ultramarinas, foi ha dias apresentar a El-Rei nove alumnos d'aquelle collegio que concluiram o respectivo curso e vão servir nas dioceses de Angola, Macau, Moçambique e em seguida foi apresental os ao ministerio da marinha.

— Falleceu aqui o sr. Estevam José Brochado, commerciante, deixando a seus herdeiros uma fortuna superior a 500:000$000 réis.

— As libras sobem de preço. Hoje estão aqui por 1$370 de premio.

— Parece não ser verdade que tenham entrado vinhos hespanhoes em territorio portuguez. E' o que se affirma.

— E' aqui esperado hoje, o nosso muito respeitavel amigo, sr. Francisco de Castro Mattoso. Sua ex.a vem aqui, porque faz parte d'uma commissão, em que tem de dar parecer.

— No collegio das missões ultramarinas foram mandados admittir 22 alumnos.

— O alferes-picador do 10 de cavallaria, sr. Pires Moreira, é nomeado para o esquadrão que vae formar-se em Mossamedes. Este digno official está aqui.

— A folha official publica hoje uma portaria nomeando as commissões regionaes de pescicultura. A primeira commissão, com séde em Aveiro, e com ingerencia na ria d'Aveiro, Vouga, Agueda e seus affluentes, será composta assim: governador civil, presidente; dr. Abel da Silva Ribeiro, dr. Edmundo de Magalhães Machado, professor de introducção do lyceu de Aveiro, presidente da camara municipal, Francisco da Fonseca Regalla, Firmino de Vilhena, chefe da secção hydraulica de Aveiro, agronomo do districto de Aveiro, chefe da secção florestal de Aveiro, secretario. Y.

NOTICIARIO

Conselheiro Hintze Ribeiro.—Passou hontem o 45 anniversario natalicio do nosso illustre amigo e nobre chefe da situação, o sr. conselheiro Ernesto Rodolpho Hintze Ribeiro. Os nossos cordeaes e muitos sinceros parabens a s. ex.a

Notas da carteira.—Está actualmente na praia da Povoa de Varzim, a banhos, o illustre clinico de Vieira, nosso antigo e muito presado amigo, sr. Monuel José Ramalho de Barros. S. ex.a tenciona demorar-se alli cerca de 30 dias.

— Regressaram da Costa Nova do Prado, o nosso estimavel amigo, sr. Manuel Antonio Loureiro de Mesquita e suas presadas filhas.

Tambem já d'alli regressou o sr. conselheiro José Ferreira da Cunha e Souza e sua familia.

— Regressou de Espinho o sr. Francisco da Silva Ribeiro, digno director das obras publicas d'este districto.

— O nosso amigo, sr. Manuel Rodrigues Coelho, está actualmente na Costa Nova do Prado, onde tenciona passar todo o mez corrente.

— A ex.ma sr.a D. Henriqueta de Castro, interessante filha do sr. conselheiro José Luciano de Castro, honrado e nobre chefe do partido progressista, está ha dias incommodada de saude na sua casa d'Anadia. Estimamos as melhoras de s. ex.a.

— Foi a Lisboa, de onde regressou hontem pela manhã, o sr. dr. Jayme de Magalhães Lima.

— Passou hontem peior dos seus padecimentos, a ex.ma sr.a D. Chrisanta Regalla de Rezende, virtuosa esposa do nosso sympathico amigo, sr. Francisco de Rezende. *Está hoje felizmente* melhor, o que deveras estimamos.

—Está gravemente enferma a ex.ma sr.a D. Emilia Tyneu Osorio.

— Esteve em Aveiro, no domingo e segunda-feira ultima, o nosso respeitavel amigo, sr. conselheiro Bento de Moura Coutinho d'Almeida e Eça.

— Foi a Lisboa, de onde regressou já, o nosso amigo e distincto industrial, sr. Carlos da Silva Mello Guimarães.

— Esteve no domingo ultimo em Aveiro, o nosso bom amigo sr. Simão Monteiro de Carvalho, que retirou n'esse mesmo dia para o Porto.

— O nosso antigo amigo, sr. Manuel Nunes da Fonseca Brandão, está actualmente na sua casa de Verdemilho, com sua ex.ma esposa, tencionando demorar-se alli.

— Esteve ante-hontem n'esta cidade o nosso antigo e honrado amigo, sr. Manuel Lopes Valente, que n'esse mesmo dia regressou á sua casa da Bairrada.

— O sr. conde de Castello de Paiva, muito digno par do reino, a sr.a condessa e sua ex.ma filha, regressaram do seu sollar á sua casa do Porto, onde tencionam passar os mezes do inverno.

Auspicioso consorcio.—Como tinhamos prenoticiado, realisou-se ha dias em Penacova o enlace da sr.a D. Maria Palmira Corrêa Leitão, interessante filha do abastado proprietario d'aquelle concelho, sr. conselheiro dr. Alipio Leitão, com o nosso presado amigo, sr. dr. Luiz Sereno, digno delegado do procurador regio n'aquella comarca. Aos sympathicos noivos enviamos sinceros parabens, e desejamoss as felicidades de que são merecedores.

Outro.—Effectuou-se no domingo ultimo, pelas 2 horas da manhã, na parochial egreja de Nossa Senhora da Gloria, o enlace da ex.ma sr.a D. Laura Augusta Regalla, prezada e galante filha do illustrado clinico d'esta cidade, sr. dr. Luiz Regalla, com o sr. João Augusto de Mendonça Barreto, um dos mais sympathicos rapazes da nossa primeira sociedade, filho do sr. João Pedro de Mendonça Barreto, proprietario e administrador substituto d'este concelho.

D'esta união, que se nos afigura auspiciosissima, porque dos sentimentos bons que caracterizam os noivos e do affecto que os ligou, só pode esperar-se a plena paz e a plena felicidade do lar, nascerão decerto para os consorciados as maiores venturas, e são por ellas os nossos votos mais ardentes e mais instantes.

O sr. João Mendonça, é um bello moço, um caracter honestissimo e uma bella alma, que só sabe conhecer e apreciar quem vive com elle de perto e folga de viver no convivio alegre e bom da sua estima leal e sincera. A senhora a quem ligou os seus destinos, que reune á belleza natural e aos predicados bons que revella em todos os seus actos, a virtude personificada e uma grandeza de coração fora do vulgar, tem sobre tudo a magnifica escola em que foi educada, que é aquella em que queriamos ver gastos a actividade e os exforços de todos os estabelecimentos de educação e ensino de meninas, e que a experiencia—a grande mestra da vida—tem demonstrado ser a unica e verdadeira escola educadora.

Assim, pois, auguramos no enlace dos jovens noivos, uma vida de felicidade sque sinceramente lhes apetecemos. A' cerimonia assistiu apenas a familia dos noivos, sendo padrinhos, seus ex.mos paes. Finda ella, foi servido um magnifico almoço em casa do sr. Mendonça Barreto, sendo por essa occasião levantados alguns affectuosos brindes aos noivos e sua familia, que reunio alli de novo á tarde e á noite, dançando-se até depois das 11 horas.

Na corbèlle da noiva, viam-se muitas e lindissimas prendas, entre as quaes algumas de valor, de prata e ouro. De novo felicitamos os sympathicos noivos e a todos os seus, fazendo votos porque os nossos vaticinios se realisem.

Perda sensivel.—Falleceu na sua casa d'Angra do Heroismo o sr. conde de Sieuve de Menezes, par do reino e chefe do partido regenerador nos Açores. Exerceu os mais elevados cargos publicos, e foi sempre de uma compostura e de uma modestia inexcediveis. O partido regenerador soffre com a morte do illustre homem politico um golpe profundo, que sentimos.

Via accelerada.—Vão ser estabelecidos bilhetes directos, entre as estações de Lisboa, Coimbra, Aveiro e Porto, e as de Tondella e Vizeu, e entre as de Lisboa, Coimbra, Pampilhosa e Aveiro, á de Mirandella.

Jubilação.—Requereu a sua jubilação, o rev. sr. Joaquim Rodrigues de Seabra, digno professor de ensino primario elementar na Palhaça.

Cobrança.—Acha-se aberto o cofre da recebedoria d'esta comarca para a cobrança da contribuição de renda de casas e sumptuaria do presente anno.

Tempo.—Choveu e foi isso um bem para a agricultura, pois que as plantas já se ressentiram todas, beneficamente, do seu effeito. Nabaes, couves, ervas, tudo está como melhor não pode estar. As chuvas foram por isso um grande bem—bem tambem porque vieram quando mais se precisavam.

Bom serviço.—O rebocador do nosso amigo, sr. David José de Pinho, continua a fazer muito bom serviço á navegação d'este porto. Hontem levou barra fóra 4 navios que haviam carregado sal e que ahi demorariam alguns dias se não fosse o bom serviço que o rebocador presta.

Trabalho de pesca.—O mar melhorou e tem permittido o trabalho, infelizmente com pouco resultado para a maior parte das companhas. Algumas ha que teem pescado mais que outras, mas todas, mais ou menos, tiraram sardinha. O maior lanço dos ultimos dias foi um de 234$000 réis, os mais todos inferiores a este e alguns houve de 54$000 e até de 16$000 réis. Sardinha, é certo, mas pouca, e porque é pouca o preço é excessivo, pois que não se compra na borda do mar por menos de 3$500 e no mercado por 3$400 réis o milheiro.

Mercado de sal.—Continua cada vez em mais larga escala o movimento do mercado de sal, cujo preço sobe gradualmente. O que ainda ha pouco se comprava por 18$000 e 19$000 reis, está já por 20$000 e por 21$000 reis. E' que a quantidade existente na ria não é grande, e a exportação por terra e por mar cresce todos os dias. Pelo mar está-se agora tornando mais facil, desde que o rebocador do nosso amigo, sr. David José de Pinho, vem fazer o serviço da barra.

Longeva.—Falleceu ha dias no logar de S. Thiago, da freguezia de Nossa Senhora da Gloria, d'esta cidade, uma mulher que tinha 96 annos de idade.

Consorcio.—Realisou-se em Lamego o casamento da ex.ma sr.a D. Maria da Boanova da Costa Barbosa, sympatica filha do integro e respeitavel magistrado sr. dr. Boaventura Teixeira Barbosa, com o sr. dr. Alfredo Augusto da Fonseca e Aragão, juiz de direito. Os paranymphos são: por parte da noiva sua tia a ex.ma sr.a D. Maria da Gloria Costa e seu irmão, o nosso collega visconde de S. Boaventura; por parte do noivo, o sr. Antonio Albino de Andrade, director do Banco do Douro, e o sr. major Francisco de Menezes. O noivo, que ha pouco passou ao quadro da magistratura do reino, tendo servido por alguns annos no Ultramar, é filho do finado tenente-coronel Fonseca e Aragão, que foi chefe d'uma das repartições do ministerio da guerra Desejamos ao novo casal todas as felicidades de que é digno.

Melhoramentos municipaes.—A camara da Figueira vae contrahir um emprestimo de 36:000$000 réis com destino á edificação dos paços municipaes, ao alargamento ou construcção do novo cemiterio e outros melhoramentos que aquelle senado julga urgentes.

Despachos judiciaes.—Verificaram-se os seguintes:

Luiz Tiburcio da Silva Trigueiros, juiz de direito em Castello Branco, transferido para Ponte do Lima.

Arnaldo da Cunha Serrão, escrivão de direito em Portel, transferido para identico officio em Benavente.

José Estevão Lucas de Aguiar e Mira, escrivão de direito em Cuba, transferido para Portel.

Carlos Augusto Faisca Caimoto, escrivão de direito em Benavente, transferido para Cuba.

Antonio Vieira Ribeiro, tabellião no julgado municipal da alfandega da Fé, licença por 40 dias.

Bacharel Agostinho Celso de Azevedo Campos, nomeado sub-delegado na comarca da Feira.

Bacharel Christovão Angusto da Silva Mendes, exonerado, como requereu, de subdelegado de Felgueiras.

Bacharel José Freire de Carvalho Falcão, idem, da Figueira de Castello Rodrigo.

Bacharel Simão Freire de Carvalho Falcão, idem, da Guarda.

Bacharel Pedro Gorjão Maria Salazar, idem, de Torres Novas.

Bacharel Antonio Pinto de Magalhães e Almeida, nomeado subdelegado em Torres Novas.

Bacharel Manuel de Moura Guedes, idem, no Peso da Regoa.

Manuel Bernardino de Brito, escrivão de Miranda do Douro, transferido, como requereu, para Santa Comba Dão.

Francisco Bernardo Alves, escrivão em Santa Comba Dão, transferido, para Miranda do Douro.

Accacio José Daniel de Barros, escrivão na comarca de Santarem, declarado nos termos de ser substituido no officio por impedimento phisico permanente.

José Maria Ferreira da Cruz, nomeado escrivão da comarca de Santarem, no impedimento de Accacio.

Francisco Manuel Abraços Junior, nomeado escrivão de Mertola.

Henrique de Moraes Carvalho, idem da comarca de Portel.

Antonio José da Rocha Ribeiro, servindo no officio de escrivão em Paredes no impedimento de José Augusto de Magalhães, nomeedo escrivão da comarca de S. Vicente.

José Augusto Lobo C. Branco, nomeado escrivão da comarca de Vianna do Alentejo.

Manuel Lopes da Conceição, exonerado como requereu de contador da comarca de Ponte de Sôr.

João Nogueira Fernandes, contador da Ilha Graciosa, transferido como requereu, para Ponte de Sôr.

Jeronymo José de Moura, nomeado contador da Graciosa.

Bento da Luz Pereira da Silva, exonerado de tabellião da comarca de Braga.

Antonio Augusto Manica da Silva, nomeado tabellião em Braga.

Augusto Luiz Mendes, exonerado como requereu de 1.º substituto a juiz de paz de Loriga.

José Antonio Soares Dias, exonerado de escrivão de juiz de Paz de Semide.

Manuel Bento Ferreira, nomeado escrivão do juiz de paz do districto de Campello.

Declarado vago o officio de escrivão de paz de Aboadella (Mação) por não constar das informações havidas que fim levou José de Miranda Alves Pinheiro, que o servia.

Decreto nomeando juiz de paz o substituto, para o districto da comarca da Horta.

Gustavo Adolfo Sousa e Oliveira, amanuense da secretaria da Relação do Porto, aposentado, como requereu.

Bacharel José Maria d'Almeida, delegado na Povoação, 60 dias.

Lucas José dos Santos, escrivão em Elvas, idem.

Despachos ecclesiasticos.—Fizeram-se os seguintes:

José Manuel de Sousa Ferreira, apresentado na egreja parochial de S. Pedro de Calvello, concelho de Ponte do Lima.

Manuel de Lemos Ribeiro, apresentado na egreja de S. Vicente de Ervedosa, concelho da Pesqueira.

Presbytero Joaquim Antonio Rollo, apresentado na egreja parochial de N. S. de Arez, concelho de Niza, diocese de Portalegre.

Presbytero Cesar Correia da costa, parocho collado na egreja de S. Matheus de Fremez, diocese de Coimbra apresentado na egreja parochial de Santa Maria Magdalena de Cem Soldos, concelho de Thomar diocese de Lisboa.

Presbytero Domingos Manuel Fernandes Nogueira apresentado na egreja parochial de S. Domingos de Runa, concelho de Cascaes, diocese de Lisboa.

Presbytero Antonio Luiz Ferreira, apresentado na egreja parochial de S. Vicente de Paio Mendes, concelho de Ferreira de Zezere, diocese de Coimbra.

Acceita ao presbytero Antonio Moreira de Araujo, a desistencia da egreja parochial do Salvador de Thuias, concelho de Marco de Canavezes, diocese do Porto.

O conflicto hispano-marroquino.—Relativamente á batalha do dia 30 em que as forças hespanholas venceram o inimigo em toda a linha, dão os jornaes hespanhoes os seguintes pormenores:

Desde que o general Macias tomou posse do commando do exercito de operações, mostrou-se preoccupado com a situação dos fortes, nos quaes não só escasseavam as munições de bocca e de guerra, mas tambem a agua, pois em algumas das fortalezas avançadas os soldados começavam a sentir os effeitos da sêde. Era necessario por outro lado render a guarnição dos fortes de Rostrogordo, Camellos, Cabreriza, Altas e Baixas, pois as forças que os defendiam achavam-se em extremo fatigadas. O general Ortega foi encarregado pelo general Macias de desempenhar aquella missão, e á frente de uma columna sahiu de Melilla, transportando viveres e munições para dez dias. O objectivo do general Ortega consistia não só em abastecer os fortes, mas tambem fazer conduzir depois para a praça os feridos do combate do dia 27. As tribus de Benisicar e de Fragana, dispostas a impedir a passagem das tropas hespanholas, começaram em vivo tiroteio que foi respondido pelas secções dos soldados armados com a espingarda Mauser.

Bem depressa se convenceu o general Ortega da impossibilidade de realisar a operação de que fôra encarregado, se não se apossasse das trincheiras dos riffenos e deixasse limpo de inimigos o campo. Durante uma hora o fogo foi horrivel; os mouros defendiam-se tenazmente, deitados no chão, quando o general Ortega dispôz que fossem tomadas á bayoneta as primeiras trincheiras. O batalhão disciplinar deu então uma carga brilhante sob o commando do coronel Mir, tomou as primeiras trincheiras, seguido sempre de outros batalhões que, com o seu exemplo, desalojavam de todas as partes os riffenos. O batalhão disciplinar praticou verdadeiros actos de heroismo, luctando com grandes massas de mouros corpo a corpo. A retirada dos mouros foi resistente e n'ella soffreram muitas baixas pelo empenho que mostravam em retirar do campo os mortos e os feridos. Os batalhões hespanhoes, atacando sempre as tribus de Benisicar e Fragana, chegaram até ao monte Gurugú, d'onde podéram observar os effeitos terriveis produzidos pela artilheria dos fortes. O aduar de Mazuza está completamente arrazado. A artilheria, com os seus tiros certeiros, representou um papel importantissimo no combate, pois impediu que os riffenos se reforçassem no Gurugú, detendo com a metralha as tribus que iam prestar auxilio á mourisma.

Derrotados os mouros e postos em debandada, o general Ortega mandou occupar os sitios de maior perigo para o campo hespanhol, ficando este em toda a sua linha de limites livre do inimigo. Além d'isso, foram occupadas algumas posições situadas em territorio mourisco. Contam-se por centenares os mortos e feridos dos mouros. Um correspondente diz:

«Foi uma victoria completa, a lição mais severa e o castigo mais exemplar que poderiam receber os mouros orgulhosos com as victorias parciaes anteriores.» A noticia d'esta victoria produziu delirante enthusiasmo em Madrid, Cadiz, Barcelona e outras cidades. Em Madrid, em frente ao ministerio da guerra, não se podia transitar, tal era a multidão que alli se aglomerára para saber noticias de Melilla. Em Barcelona, o ayuntamento resolveu entregar mensalmente ao governo, para as despezas da guerra, 50:000 pesetas.

Acto bom.—A imperatriz d'Austria, andando ha dias a passear a pé nos arredores de Gœdellœ, viu que estavam collocadas umas pedras em cima da linha ferrea, postas alli evidentemente para fazer descarrilar o expresso Pesth. A imperatriz correu a casa do guarda da linha mais proximo a avisal-o, e ella propria ajudou o homem a tirar as pedras. D'alli a cinco minutos chegava o comboio com a maxima rapidez. Se não fôsse a imperatriz, seria enorme o desastre.

As mulheres socialistas.—Na Alsacia Lorena os socialistas procuram systematicamente captar, em beneficio da sua propaganda, a acção das mulheres. Em Mulhouse, em Strasbourg e n'outros centros importantes fundaram *sociedades de estudo*, exclusivamente destinadas ao sexo fragil, e ás quaes as mulheres concorrem em dias certos a fim de ouvirem os conferentes. Algumas d'essas assembléns teem sido dissolvidas por ordem da autoridade, alarmada com o perigo que pode offerecer a diffusão das idéias socialistas pelos lares domesticos, mediante a acção feminina. No entanto, a propaganda lavra impetuosamente e o movimento socialista feminino em toda a Alsacia é já importantissima.

O assassinato do presidente da municipalidade de Chicago.—Referiu-se o telegrapho ao assassinato do major Charter Harrison, presidente da municipalidade de Chicago. Eis como foi o crime perpetrado. Tendo Prendergast, o assassino, batido á porta da casa do major Harrison, veio um criado abril-a. O assassino dirigiu-se para a sala em que estava o major, e disparou-lhe á queima-roupa quatro tiros de rewolver. Vinte minutos depois o presidente da municipalidade de Chicago, exhalava o ultimo suspiro. O major Carter Harrison, estava para casar. Cinco vezes tinha sido eleito para o cargo que actualmente ocupava, devendo o seu triumpho aos elementos mais tarbulentos da população, como os anarchistas. O seu ascendente sobre a escoria da população era extraordinario. Era homem excentico. Ao receber em setembro ultimo uma delegação da Associação dos engenheiros de França, pronunciou um discurso assombroso, chegando a dizer entre outras cousas o seguinte:

«Os engenheiros francezes apontaram o caminho aos engenheiros americanos, mas estes estão oje muito superiores aos seus mestres. Não sou engenheiro, mas sim presidente da municipalidade de Chicago, como tal dirijo os trabalhos dos engenheiros. Sou igualmente chefe dos bombeiros e extingo os incendios. Graças a esta estrella que me brilha no peito, tenho sob as minhas ordens todos os agentes da policia da cidade. Isso mandar-vos prender, como mandar-vos soltar depois, se assim me aprouver. Tenho todos os poderes. Havei de dizer que sou um grande personagem; tambem eu penso o mesmo. Sono primeiro homem de Chicago, Chicago é a primeira cidade do Illinois, o Illinois é o primeiro Estado dos Estados-Unidos, e os Estados-Unidos são o maior paiz do mundo. Por conseguinte sou o maior homem do mundo. Por quatro vezes fui eleito presidente da municipalidade de Chicago; da primeira vez a cidade tinha 800:000 habitantes, da segunda 1.000:000, da terceira 1.200:000 e da quarta 1.600:000. Convido-vos a visitar a Feira do Mundo. N'este momento Chicago é a maior e a mais bella cidade do mundo; ao lado d'ella Londres e Pariz, são simples burgos!»

Isto basta para caracterisar o homem que estava á frente da municipalidade de Chicago.

Stanley: um curioso processo.—Em Londres, no tribunal do Banco da rainha, está-se debatendo um curioso processo. Um agente de conferencias, Appleton, reclama do explorador Stanley, uma indemnisação por não ter completado na America a série de conferencias a que se obrigára por contracto. Stanley confessa que assim succedeu, mas declara que se não terminou a série de conferencias a que estava obrigado, foi isso devido a um caso de força maior, previsto pelo contracto. Objecta Appleton que tal caso de força maior não se deu, pois Stanley, no seu regresso á Inglaterra, tendo promettido que concluiria a série de conferencias na metropole, protestou em seguida que estava mal de saude, o que não o impediu de fazer uma excursão com outro agente, ganhando 90.000$000 réis por 110 conferencias.

A questão do processo é esta: resta agora saber o que o tribunal decidirá.

A união monetaria latina.—Dizem de Roma, que nos centros governamentaes se reconhece unanimemente o espirito de conciliação de que se acha animada a França, em todas as negociações relativas á questão da moda divisionaria. Apesar da conferencia monetaria ainda não estar encerrada, já se prevê quaes os seus resultados geraes. A união monetaria latina continuará a substituir. Uma só clausula foi modificada e para dar satisfação á Italia. As moedas divisionarias italianas de 2 liras, 1 lira e meia, lira cessarão de ter curso nos Estados contratentes. O possuidor entregal--a-ha nos cofres publicos, e á medida que forem recebidas, serão entregues á Italia, que as pagará em ouro aos outros Estados, no prazo de dez dias a contar da data de cada remessa. Se este reembolso não fôr exactamente effectuado pela Italia, durante o prazo estabelecido, esta pagará um juro estipulado em proveito dos Estados contratantes. A Italia, recuperará a sua liberdade para a emissão d'estas moedas divisionarias.

Um vestido de noivado.—A viuva do archiduque Rodolpho, a archiduqueza Estephania, offereceu ha dias o seu vestido de noivado á igreja de Pozen. O vestido, de seda branca, bordado a prata, era ornado com os escudos dos Hapsburgos e da Belgica. O vestido foi transformado em uma casula com que no domingo, pela primeira vez, se revestiu o deão Wieser, ao benzer uma das aulas da igreja que acabára de ser construida.

A electricidade.—Mais uma maravilha da electricidade: Dizem de Nova-York que se está ali construindo um grande numero de distribuidores automaticos de canto, de musica e de declamação. Estes differentes effeitos são obtidos com o auxilio de uma série de phonographos Edison encerrados n'uma columna de ferro fundido. Pôr-se-ha em movimento aquelle que se escolher, deixando cair pela fenda que lhe corresponde, e que tem uma inscripção especial, uma moeda cujo valor está egualmente indicado. O phonographo está assim ao alcance de todas as bolsas e de todos os gostos. Estes apparelhos são destinados ás *gares* dos caminhos de ferro, para occupar os ocios dos viajantes que esperam o comboio.

Conservação dos ovos.—Um chimico, o sr. Stroschein, achou um novo meio de conservar os ovos. Por meio de uma pequena seringa de ponta muito fina, analoga á seringa Pravaz, injecta de agua salgada a camada d'ar que todos os ovos contem. Feita a operação, tapa-se o orificiosinho da casca com uma gotta de paraffina, de vidro soluvel ou cera.

Sendo assim injectados, os ovos ficam, parece, mais d'um anno d'uma frescura incomparavel, sem nenhum gosto a salgado.

CAMINHO DE FERRO DO VALLE DO VOUGA

Sobre o assumdto que tem importancia, o nosso collega *Feirense* escreve o seguinte:

Estão concluidos, n'este concelho, os estudos do traçado da linha ferrea do Valle do Vouga. A principio, disse-se por ahi que éra uma utopia a realisação d'um melhoramento de tal importancia n'esta villa; hoje, crêmos que todos estão convencidos que em breve tempo ouvirão o silvo da locomotiva, annunciando ao mundo que a antiga terra de Santa Maria não é um ponto de interrogação nos mappas geographicos. Os primeiros trabalhos estão concluidos, e é isso motivo para nos felicitarmos e felicitarmos o concelho. Desde que houve a idéa da construcção de este caminho de ferro, nós advogamos sempre, com todo o enthusiasmo, tão importante melhoramento que devia concorrer para o engrandecimento de esta terra. Foram os homens prestantes do partido progressista que tomaram a iniciativa d'este melhoramento, e no mesmo sentido foi feita pela camara municipal d'este concellio, a que presidia o sr. dr. Roberto Alves, uma representação aos poderes publicos.

Então a Feira tinha um representante em côrtes que nunca se esquecia do seu circulo, o sr. conselheiro Corrêa Leal, e ao seu cuidado devemos a passagem da linha ferrea por este concelho, e o seu entroncamento em Espinho, na linha da Companhia Real.

Então sustentamos nós violenta discussão, com um nosso collega de Ovar, pois que é bem sabida a guerra que os ovarenses nos declararam para que a linha ferrea do Valle do Vouga tivesse a estação *terminus* n'aquella villa. N'esta discussão, em que tinhamos por fim pugnar pelos interesses d'este concelho, achamos-nos sósinhos no campo da peleja. O assumpto éra de interesse commum, mas o partido regenerador não quiz acompanhar-nos, talvez porque a iniciativa d'este beneficio partia dos progressistas. Hoje, se bem nos recorda, já lêmos algures um elogio a um homem que conhece tanto a Feira como a Feira o conhece a elle; que se interessa tanto pelos negocios do circulo que representa, como esse mesmo circulo se interessou na sua eleição. Não seriamos nós que viessemos tratar o assumpto pelo lado politico, pois que para nós, o nosso interesse, a nossa unica ambição é que este grandissimo melhoramento se ultime o mais breve possivel, e tanto se nos dá devel-o ao partido progressista, como que n'elle tivesse cooperado o partido regenerador; mas o que não podemos deixar sem reparo, é a usurpação que agora se pretende fazer, muito surrateiramente, áquelles a quem de direito pertence a gloria de ter alcançado para o concelho o importante melhoramento de que vimos fallando.

O seu a seu dono.

OS PARTIDOS POLITICOS EM PORTUGAL
1828-1830

I

(Continuação)

Surpresos com tão inesperada communicação Bernardo de Sá Nogueira dirigiu uma carta a Stubss que foi assignada pelo brigadeiro Pizarro e commandantes das brigadas, pedindo-lhe em nome de todo o exercito para que viesse tomar o commando. Stubbs era amigo e parcial de Saldanha, mas a esse tempo já estava a bordo do *Belfast* com os demais generaes e membros da Junta para onde o seguiu tambem o mesmo Saldanha.

O commando do exercito assumiu finalmente o brigadeiro Pizarro que poderosamente auxiliado por Bernardo de Sá Nogueira, effectuou a retirada indo para o norte do Douro e d'ahi para a Galiza. Na hora adversa, não havia divergencias partidarias, a desgraça confraternisou saldanhistas e palmellistas, desarmados e enternados em Hespanha formaram um só partido—emigrados constitucionaes. As divergencias partidarias viriam depois, como vieram, quando já nada havia a receiar das balas e forcas miguelistas.

Não nos pertence a nós o historiar como se operou a retirada para a Galiza, as vecissitudes por que ahi passou o exercito constitucional e o modo como passou a Inglaterra.

Chegado a Londres no seu regresso do Porto, o marquez de Palmella constituiu-se de facto supremo chefe da emigração. Para occorrer ás despezas d'ella tinha o marquez á sua disposição os dividendos semestraes do emprestimo portuguez, que o governo do Brazil se obrigára a pagar pelo tratado de independencia, pois taes entregas resolveu fazel-as só a elle, o ministro do Brazil em Londres, visconde de Itabayana. A necessidade que tinham todos os emigrados de receberem subsidios pecuniarios fez com que acceitassem sem reclamações ou protestos a auctoridade de Palmella. Este assentimento tacito, porém, não foi duradouro, a destribuição pouco equitativa dos subsidios levantou bem depressa energicos protestos por parte de muitos emigrados, vindo assim a estabelecer-se a scisão entre os emigrados. Dos descontentes assumiu logo a direcção Saldanha, de que resultou estes principiarem a ser apellidados de *saldanhistas* e os que participavam dos largos favores de Palmella ou defendiam os seus actos, de *palmellistas*. Reviveram os velhos odios; a lucta entre ambos assumiu dentro em pouco proporções enormes e por vezes bem pouco edificantes.

A maioria dos emigrados reuniu-se em Plymouth, onde se constituiu um deposito, cuja direcção ou commando foi entregue a Candido José Xavier.

Emquanto que no continente a causa da liberdade portugueza sossobrava, mantinha na Madeira o governador e capitão general d'ella José Lucio Travassos Valdez a auctoridade do governo constitucional, e na Terceira um grupo de liberaes decididos proclamava a resistencia ao governo do infante e proclamava de novo a legitima auctoridade de D. Pedro e da Carta. Aqui do mesmo modo que no Porto a indecisão e o medo tambem entibiou n'uma certa occasião parte do partido constitucional, mas felizmente foi cousa passageira e a revolução radicou-se.

De soccórrer a Madeira com gente e dinheiro tratou logo Palmella, e bem assim de auxiliar os que na Terceira se haviam revoltado pela Carta e Rainha. Intimada a Palmella, pelo governo inglez, a dissolução do deposito dos emigrados de Plymouth, procurou mandar para alli a maior parte dos mesmos emigrados afim de assegurar assim a posse da ilha. A empecer-lhe este desejo, porém, teve uma esquadra miguelista que depois de haver submettido á Madeira se dirigiu para os mares dos Açores e os proprios navios de guerra inglezes, como teremos occasião de vêr.

Havia muitas queixas contra Palmella pelo motivo da desigualdade na distribuição dos soccorros pecuniarios aos emigrados e estas queixas estendiam-se ao procedimento d'elle durante a revolução do Porto. Elle ao vêr-se tão rudemente atacado dirigiu uma carta a D. Pedro defendendo-se. Os inimigos de Palmella é que não acceitaram a defeza continuando assim a scisão no campo liberal. Esta scisão augmentou com a carta que os membros da Junta do Porto dirigiram ao mesmo D. Pêdro em data de 5 d'agosto de 1828, e em que attribuiam em grande parte a Saldanha o malogro final da revolução por este ter abandonado o exercito, cujo commando acceitára. Em sua defeza escreveu Saldanha um opusculo em Pariz com data de 13 de novembro de 1829, em que negava que tal commando lhe houvesse sido conferido «ignorando até que tal nomeação se lhe désse, não tendo havido da parte d'elle mais do que prestar-se acompanhar o mesmo exercito para a Galiza, o que não cumprira, em razão dos commandantes das respectivas brigadas e corpos se recusarem a seguir a marcha para a Galiza.» Isto originou rija polemica na imprensa. A carta da Junta foi por assim dizer a ultima demão para se organisar o *partido saldanhista;* em torno de Saldanha agrupou-se então tudo que não sympathisava com Palmella ou contra elle tinha qualquer razão de queixa; assim ficou o referido general arvorado em chefe de partido. Da parte de Saldanha a opposição a Palmella não era senão uma velha questão de ambição e nunca de principios, diga-se muito embora o contrario d'isto. Palmella na presente occasião não podia ser substituido em caso algum por Saldanha; Palmella era por assim dizer imprescendivel como chefe da emigração.

Saldanha assumiu a chefatura da opposição por despeito para com Palmella, já por antigas desintelligencias que com elle tinha, já por os membros da Junta terem participado a D. Pedro na carta que lhe dirigiram em 5 d'agosto que o haviam nomeado commandante em chefe do exercito constitucional quando se resolveu a retirada de Santo Ovidio.

A's queixas que uma parte dos emigrados tinha contra Palmella veio accrescer outra não menos importante e justificada. O marquez attenta a impossibilidade de continuar a subsistir o deposito de Plymouth não só pela formal opposição do governo inglez como tambem pela falta de meios para soccorrer o grande numero de emigrados que alli permaneciam, resolveu que estes sahissem para o Brazil, e assim lh'o fez communicar por uma ordem do dia referendada pelo general Stubbs, occultando-se, porém, as causas que o obrigaram a um tal procedimento. A reacção a uma tal medida por parte da grande maioria dos emigrados foi enorme, a exaltação partidaria assumiu uma gravidade tal que a Palmella foram dirigidos os maiores insultos e attribuidas grandes infamias.

Calumniou-se atrozmente, e sobretudo immerecidamente. Como tudo isto ainda não fosse bastante para acarretar odios sobre Palmella, appareceu por essa occasião uma carta regia pela qual a rainha D. Maria II nomeava o mêsmo Palmella para seu ministro e secretario d'estado. A rainha tinha 10

7

FOLHETIM

HENRIQUE PEREZ ESCRICH E FRANCISCO DE P. ENTRAAL

MAGDALENA

PROLOGO

NA TERRA E NO MAR

VII

UM CRIME IGNORADO

A morte do velho capitão Leon Rögel permittira a Anselmo o poder levar comsigo Magdalena. O filhinho tinha então dois annos, e baptisára-se com o nome do pae, do qual possuia o sorriso e a expressão; os olhos, porém, eram azues e louros os cabellos, como os da mãe. Depois de embarcar, Magdalena refugiára-se com o filho no camarote do esposo, para evitar os olhares de Strey, que, quando Anselmo estava ausente, lhe pesavam na alma como continua maldição.

Entretanto, John guardava a maior reserva: limitava-se a prodigalisar-lhe obsequiosa sollicitude, a fallar-lhe de seu filho, e quando Anselmo não o ouvia, recordava-lhe o tempo em que a conhecera alegre e feliz ao lado de seu pae.

Magdalena não podia duvidar de que o americano a amava loucamente. Passou um mez. John estava sempre na coberta. Queria certamente que a tripulação se fosse habituando á sua presença e ás suas ordens, por não lhe ser estranho no dia em que, como projectára, se proclamasse capitão.

A occasião chegou mais depressa do que John pensára. Anselmo adoeceu. John, aproveitando-se dos instantes de prostramento em que a febre mergulhava o enfermo e que eram de afflicção para Magdalena, pelo amor que didicava ao esposo, entrou no camarote. Era noite. Magdalena estava junto do leito do doente, e a seus pés via-se um menino brincando com um formoso cão da Terra Nova.

—Minha senhora—disse John entrando — disseram-me que Anselmo enfermára, e como lhe consagro amizade fraternal, venho visital-o se me dá licença.

—Agradeço o seu cuidado—balbuciou tremendo Magdalena—e deploro a desgraça de termos ficado sem medico n'uma viagem tão longa como esta.

—Devo advertir-lhe, que não sou de todo alheio á sciencia de Hippocrates, observou Strey

—Com tanto que meu esposo se salve, faça o que entender, mister John.

—Conte com o meu auxilio, Magdalena.

John projectára desembaraçar-se de Anselmo sem despertar suspeitas. Não despresára, portanto, a occasião que se lhe offerecera de apoderar-se da caixa de ambulancia que o medico deixára quando fallecera; e n'ella encontrou alguns venenos cujos effeitos estudaremos depois. O certo é que John receitou n'aquelle mesmo dia.

Apenas tomou a primeira dóse de remedio, Anselmo peorou. A' noite, Strey permanecia a seu lado, Magdalena chorava desoladamente com o filho no collo, e o cão, estendido a um canto do aposento, ululava tristemente e arranhava o pavimente com as mãos.

Anselmo parecia soffrer uma violenta congestão.

—Meu filho! minha esposa!—balbuciou elle.

E sem conhecer a quem falava, accrescentou:

—Peço-lhe, senhor, que os preserve dos ardis de John.

Nos olhos de Strey brilhou um fogo diabolico; inclinou-se sobre o ouvido de Anselmo, apertou lhe o pulso com uma das mãos, cerrou-lhe os labios com a outra, e disse-lhe com voz surda, mas horrivel:

—Anselmo, John aborrece-te; o teu futuro causa-lhe inveja, e ainda que elle te não odiára, tem de cumprir um juramento.

—Um juramente?

—Sim; se não fôra por ti, o navio teria já sossobrado; mas quando chegar ao porto d'onde saiu, despedaçar-se-ha contra o rochedo que indicaste a John, quando andaram passeando pelo mar. O moribundo olhou para Strey como perguntando-lhe quem era, e este accrescentou:

—Reconhece-me, Anselmo, sou John; agora tua esposa ficará em meu poder, e o *Poderoso* irá para o fundo do mar. Já posso mais do que tu.

Este «já posso mais do que tu» insultante, provocativo, impudente, era um repto á morte, era um grito de Lusbel ao proclamar-se rei dos scelerados. Na seguinte noite o corpo do capitão Iradier foi lançado ao mar.

VIII

LUCTA

Depois da morte de Anselmo, John proclamou-se rei e verdugo ao mesmo tempo. Durante a viagem vira no capitão um obstaculo formidavel, mas vencera-o arteiramente. Revoltára-se-lhe um marujo, depois da terrivel noite em que o capitão tivera o mar por sepultura, e aquelle marujo desapparecera d'entre os companheiros: uns perguntaram o seu appellido, outros disseram-o, e todos repetiram um d'esses nomes vulgares com que se costumá denominar os desherdados, os que vivem sem paes, sem lar e sem familia. Era um grumete, conceituado como um pobre diabo, e chamava-se Simão Paschoal. Suppozeram que fôra encerrado no porão; mas como a lembrança está geralmente em relação com os meritos da pessoa que a inspira, ao fim de quatro dias Simão Paschoal que era um simples desgraçado, alcançou o esquecimento da tripulação.

Inveja, amor, ciume, avareza: eis as quatro paixões que por espaço de muito tempo haviam dominado a alma de Strey, e que podiam agora desencadear-se livremente. Os obstaculos tinham desapparecido, e quem não vacillára ante o crime, mal poderia conter-se ante a dôr de uma mulher que só contava com as suas lagrimas. Magdalena vergava ao peso enorme das suas desgraças, e assim como o martyr abraça uma cruz para morrer, e o heroe a bandeira da patria, ella, que era mãe, abraçava o filho.

Mas se a infeliz viuva chamava Anselmo do intimo da sua alma, não era elle que lhe respondia, senão John. O olhar d'este homem feria como nos fere a luz quando temos febre, e quanto mais o evitava ou lhe fugia, tanto mais o encontrava. Estaria John olhando sempre para Magdalena? Não; mas era tão grande o horror que lhe inspirava, e tão intenso o mêdo que sentia, que não havia logar algum em que não julgasse vêl-o, ameaçador, iracundo, offerecendo-lhe a seducção ou a morte. Magdalena tremia, gritava, refugiava-se no seu camarote, fechava a porta, collocava as mãos sobre os olhos; mas John, immovel, com a provocação no sorriso e a vertigem nos olhos, estava alli. Então subia para a tolda, pedia protecção ao céo, olhava para todos os lados e convencia-se da sua soledade e das suas chimeras; mas a todos os momentos lhe apparecia a sombra fatidica de John.

Elle instava, ella resistia; elle promettia, ella regeitava; e n'esta lucta tremenda da debilidade contra a força, do cynismo contra a virtude, da infamia contra a honra, era facil de suppôr que a pobre mulher viesse a succumbir. Já não lhe restava outro recurso contra as ameaças de John, senão a perpetua vigilancia de si mesma. N'este intuito tecnava-se no seu camarote, despertando de noite ao menor ruido; esta falta de tranquillidade e de repoiso debilitava-lhe as forças. Entretanto, o seu persegidor centuplicava-se, mostrava uma tenacidade de louco, e avançava sempre até tornar impossivel toda a resistencia.

O navio levava sómente os tripulantes, que eram escravos da tyrannia do capitão. N'este estado de continuo sobressalto passára Magdalena muitos mezes, que lhe pareceram seculos. Faltava um dia para chegar ao porto; porém ella não o sabia. A' noite fechou-se como costumava, reclinou a cabeça sobre a almofada em que repousava seu filho, e pensou em Anselmo. A fadiga venceu-a. Mas não tinha ainda adormecido completamente, quando sentiu no convés um estrondo espantoso: viu o camarote illuminado pela luz avermelhada dos relampagos, ouviu ribombar o trovão, bramir o vento por entre as enxascias e driças, ranger o velame e rugir surdamente o mar. Ergueu-se tremendo, e com um dos braços aconchegou o filho, em quanto com o outro procurava apoio; depois julgou ouvir ruido de passos pela escotilha que conduzia ao seu aposento e grandes pancados sobre o tecto. A tempestade inspirava-lhe tanto terror como a presença de John. Pouco depois, parecia afundar-se o navio. Magdalena deu um grito, abraçou desesperadamente o menino e abriu a porta. Tinha a certeza de que John estaria no tombadilho.

A consternação era espantosa; o barco submergia-se como attraido pelas correntes submarinas; crescia o estrondo, e a tripulação dividira-se em dois grupos, um que corria aos machados para derribar os mastros em caso necessario, outro que, invadindo todas as escotilhas, se precipitava no porão com o fim de remover a carga.

Os marinheiros entraram alli, e a luz das lanternas que levavam derramou-se por todos os angulos do escuro recinto. De repente ouviram um grito, que os obrigou a parar, apezar do aturdimento e da pressa com que caminhavam.

—Ah! já me não conhecem, camaradas?...—disse uma voz fraca mas energica.

E ao mesmo tempo viram surgir de entre as pipas e barris, que a borrasca despedaçára e derribára, um homem magro e extenuado pela fome.

—Simão Paschoal!—exclamaram todos ao mesmo tempo.

Chegaram a tempo!—disse o grumete.

E perguntou em seguida:

—Que noticias me dão da esposa do capitão Anselmo?

O jogo violento do navio paralysou a resposta na bôca dos marinheiros. O perigo era eminente. Quando, restabelecidos do susto, se esforçavam por exgotar a agua que fazia o navio, ouviram um segundo grito.

Sóltára-o Magdalena. N'aquelle momento de *agonia e terror, afastára-se* da porta, e tentára trepar pela escotilha para subir á coberta. Mas não tinha ainda transposto o primeiro degrau, quando lhe appareceu John. Magdalena retrocedeu um passo, e buscou com a vista alguem que podesse secorrel-a n'aquelle transe.

John avançou mais dois passos.

—Se me amas—disse elle—não me pesa morrer.

Magdalena retrocedeu novamente, sentiu uma chamma turbar-lhe a vista, e receiou mais que nunca desmaiar, porque o desmaio era a sua morte. Então gritou, pediu auxilio, mas o extrondo da tormenta abafou lhe a voz. O navio sossobrava, fusilavam os raios, rugia o trovão, e este horrendo concerto de bramidos, de vozes e lamentos, assimilhava-se muito ao cahos.

Quantas vezes Magdalena tenta fugir, quantas o scelerado lhe corta o passo. Seguro de realisar o seu infame e barbaro projecto, aproxima-se d'ella até agarar-lhe uma das mãos. Entretanto, o cão ladrava furioso dentro do camarote, como se suspeitara o perigo que sua ama corria; não podia sair, porque o vento fechára a porta. Magdalena, vendo-se quasi em poder do malvado, não grita por não ter voz, mas retrocede para a porta com o fim de abril-a. John embarga-lhe o passo. Desesperada já tenta um esforço, o esforço da mãe que defende a honra de seus filhos, e logra desprender-se d'aquella mão de ferro. A infeliz estava materialmente adherida ao angulo formado pela parede: á esquerda tinha o camarote, á direita uma extensa galeria cheia de beliches vazios como nichos de cemiterio, e na sua frente a escotilha, por cuja porta, completamente aberta, se via de quando em quando o fatidico fulgor dos relampagos. Os raios de um lampeão pendente da parede caíam obliquamente sobre o pallido rosto de John, deixando Magdalea envolta na sombra. Depois de um momento de pausa, John dirigiu-se para a esquerda, com o fim de que Magdalena, ao retirar-se, tropeçasse com a porta do camarote, que se abria para dentro, e entrasse n'elle. O aposento era uma tumba, e Strey tinha a certeza de que os gritos da infeliz se perderiam entre os bramidos do mar. Magdalena, porém, em vez de realizar o movimento que John previra subiu rapidamente a escada e appareceu na tolda. John foi atraz d'ella para de novo a segurar, mas ao mesmo tempo uma lufada de vento apagou a luz, e ouviu-se um grande estrondo, como de porta que se abrira e cerrára com violencia, e John foi derribado por um vulto que passou a seus pés arrastando se rapido.

Apezar d'este contratempo, o americano levantou-se, soltou uma blasphemea terrivel, e subiu em perseguição de Magdalena, agarrando-se com mãos e pés aos degraos, tropeçando, amparando-se ás paredes, anhelante, e sem fazer caso da chuva que cahia em torrentes.

Magdalena corria de um a outro lado da coberta com o filhinho nos braços, aterrada, exhausta de forças, sem saber onde buscar soccorro. Mas o grumete, que certamente presenciára a lucta sem atrever-se a defender sua ama, por temor da ordenança, correu apoz ella, esperando o momento opportuno para salval-a. Quem lhe diria que por exercer uma obra de caridade havia de soffrer os horriveis remorsos de vêr aquella desgraçada mãe sem o filho da sua alma!

John, desesperado ao vêr fugir Magdalena, e com ella todas as illusões da sua vida, entregou-se aos horrores do naufragio.

(Continua.)

annos incompletos. Palmella era chefe d'um partido, contra quem havia já uma forte corrente. Calcule-se por aqui quantos protestos novos e retaliações se não levantariam contra Palmella.

«Por este modo, escreve Soriano (*Historia da guerra civil*, 3.ª epoca, tom. III, part. I, pag. 249). se atiçaram cada vez mais os odios e as intrigas entre os moderados e os liberaes, progressistas, ou entre os affeiçoados e os descontentes do governo, de que resultaram scisões irreconciliaveis, entretidas, sempre em toda a emigração, e durante os maiores apuros do cerco do Porto, rebentando ainda ou mais em 1834, depois de completo o triunfo da causa constitucional, e da abertura das côrtes n'aquelle anno.»

(*Continua.*)

MARQUES GOMES.

AZEITÃO

PAÇO DOS AVEIROS EM SUAS RELAÇÕES COM A HISTORIA

XV

Paulo Feval, no seu livro *Jesuitas*, diz:

«Nas cadeias de Azeitão trinta e um por setenta e trez jesuitas finaram-se de tanto penar... Na lista interminavel dos martyres, vêem-se trez primos do marquez de Pombal, Christovam e João de Carvalho, mortos no fundo dos ergastulos (cachots) d'Azeitão e Joaquim de Carvalho, fallecido na cadeia (prisões) de Almeida».

A traducção é do padre Senna Freitas, a quem aprouve reforçar as palavras de Feval, chamado *ergastulo* ao que o outro dissera *cachots*. E assim se escreve a historia de ha dois dias se pode dizer. E' necessario desconhecer totalmente o palacio de Azeitão para crer as palavras do autcor francez e do seu traductor, um e outro, á parte a sua phantasia, beberam de certo a lição n'alguma obra de jesuita de roupeta. O edificio é vastissimo, grandes casas com rasgadas janellas, nem um subterraneo, ou casa que dê pouco conforto. A segurança da custodia vinha das guardas militares e da fidelidade do encarregado do presidio. Não tem janellas gradeadas, nem indicios de que o tivessem sido. Os padres jesuitas, conforme diziam os do tempo, occupavam uma vasta sala conica, no andar superior, de sete janellas para a frente norte do palacio, e com duas portas apenas, uma a da entrada, outra para um desvão, ou sotão, que corre sobre a ala occidental. Este desvão, tinha umas janellas, que foram tapadas com alvenaria, deixando-se-lhes na parte superior umas aberturas a modo de frestas, como ainda se vê. Ignora-se já hoje se o desvão era occupado tambem pelos prisioneiros, ou se só lhes servia de arrecadação de objectos de uso, o que é possivel.

Consultados os registos parochiaes de 1759 a 1769, vê-se que nem um jesuita aqui falleceu e apenas, em fevereiro de 1766, se encontra registado o obito do *comprador dos padres da companhia*, de cujo enterramento a thesouraria da Misericordia recebeu 1$200 réis. A tradicção não falla de um só obito de padre, nem de acto algum de crueza para com os custodiados.

Aos jesuitas do Alemtejo, tinham-se juntado alguns das casas de Lisboa.

Na noite de 16 para 17 de setembro de 1759, sob forte escolta de cavallaria, foram conduzidos em seges 133 d'estes padres até Coina, porto de embarque costumado ás gentes de Azeitão, e d'alli em barcos guardados por infanteria para bordo do *S. Nicolau*, de que era capitão o ragusano José Oribich. Ora o meio commodo (e luxuoso para o tempo) de transporte em seges briga de vez com a invenção da *vida de torturas nos ergastulos* de Azeitão.

Tem-se lançado aos quatro ventos que a estes padres apenas se permittiu levarem para bordo uma camisa e o seu breviario. E' possivel que só isto cada um levasse na mão para bordo; a sua bagagem, todavia, carregou 4 barcos e compunha-se de 45 bahus, grande numero de cestos, condeças, caixas grandes e pequenas, e d'estas algumas tão pesadas, que um mariola a custo, pegava n'uma.—Levavam os padres dinheiro proprio em quantidade. No navio estavam já 150 ranchos, ou armações de camas, 150 esteiras, 150 colchões, 150 travesseiros, 150 fronhas, 150 cobertores e 300 lençoes, para uso só dos jesuitas.

A bordo nunca faltavam mantimentos e botica bem provida. Porque será pouco conhecida a relação dos mantimentos dal-a-hei aqui.

60 barricas de agua, 75 quintaes de biscoito, 4 quintaes de biscoito fino para doentes, 12 barris de carne salgada, 20 quintaes de bacalhau, 72 alqueires de feijão branco, 11 quintaes de arroz, 4 barris de manteiga, 300 gallinhas e para ellas 6 capoeiras, 6 saccos com semeas e 38 alqueires de milho, 200 duzias de ovos, 112 potes de azeite, 11 barris de vinagre, 30 barris de vinho, 2 quintas e 2 arrateis de letria fina, 1 arratel de chá, 1 quintal de assucar, 48 arrateis de queijo, 3 quintaes e 8 arrateis de toucinho.

Em Alicante, onde o *S. Nicolau* arribou pelos ventos contrarios, foi-lhes offerecido pelos jesuitas d'alli um refresco de 18 carneiros, hortaliças varias e 2 barris do famoso vinho do paiz. Ao desembarcarem em Italia os jesuitas levaram para terra quanto lhes pertencia e as camas e mais que lhes era de uso, não escapando o almofariz da botica e a seringa.

O *S. Nicolau* levantou ferro do porto de Lisboa, antes do meio dia de 17 de setembro, escoltado por uma nau de 70 peças até ao estreito de Gibraltar. Fez a viagem de Civitta Vecchia em 37 dias, tendo-se demorado em Alicante e Spezzia, e chegou ao porto do destino em 24 de outubro.

O palacio dos Aveiros, não ficou por muito tempo desoccupado, chegando-lhe mais jesuitas de outras partes do reino e das possessões portuguezas, de além-mar.

Em fins de 1767, ainda o juiz de fóra, Machado Faria, tinha a guarda de alguns reclusos.

(Continúa).

J. Rasteiro.

CARTA DE VALLE DE BESTEIROS

4 DE NOVEMBRO DE 1893.

Após um calor quasi insuportavel, vieram uns dias de ventania e de algum frio. Muita gente receou que viesse chuva, o que na verdade causaria algum transtorno, porque está ainda muito milho por seccar. Felizmente melhorou novamente o tempo e tem havido tardes muito amenas.

— Ha este anno muita abundancia de milho, o que é uma providencia, porque assim sempre fica mais ou menos compensada a falta do vinho e do azeite. O milho, que por aqui se colhe é quasi todo amarello, não só porque funde mais no pão, mas porque tambem o terreno é mais apropriado para o milho d'esta qualidade. Nas eiras, quando as espigas estão a secar, fazem uma vista agradavel, porque parecem doiradas, pois é muito pronunciada a côr amarella.

— Falleceu no Carregal do Sal o sr. Firmino de Sousa e Figueiredo, que ha annos alli exercia o logar de tabellião de notas. A sua morte foi muito sentida, porque o finado era geralmente estimado, como bom cidadão, bom chefe de familia e um funccionario habil e honradissimo. Deixa viuva e filhos em precarias circumstancias.

— E' ámanhã o anniversario natalicio da ex.ma sr.ª D. Maria Antonia de Vasconcellos Rangel de Quadros, filha do sr. Antonio Rangel de Quadros Oudinot, natural d'essa cidade, e esposa do sr. dr. Antonio Marques Perdigão, digno facultativo do partido municipal do Carregal do Sal. A tão estimavel senhora e a toda a sua familia os nossos parabens.

— Ha dias em Tonda, freguezia do concelho de Tondella, deu-se um caso que muito tem contristado aquella povoação. Um homem, tendo-se preparado para ir á missa de madrugada, quiz, antes de ir, lavar-se em agua morna. A familia já tinha ido para a egreja e o homem accendeu o lume para aquecer agua, mas, tomado de uma vertigem, cahiu no lume de tal maneira, que quando a familia voltou, encontrou aquelle desgraçado quasi todo queimado e especialmente dos joelhos para baixo. O homem ainda vive, o que muito tem feito admirar, mas acha-se em lamentavel estado.

Em diversas localidades teem-se aqui dado casos identicos, mas com creanças e por motivos de brincadeiras e de descuidos. Ainda ha pouco falleceu no Carregal uma creança, que andando com outra a saltar um pouco de borralho que tinha ficado n'uma eira, onde se fizera uma barrella, caiu de tal maneira no lume, que quando lhe acudiram, já estava em horrivel estado e falleceu pouco depois.

— Em Tonda appareceu ha dias um meliante, que tendo alli roubado uma junta de bois, foi depois vendel-os ao Carregal. O regedor d'alli, desconfiado de que os bois eram roubados, e porque já tinha noticia do caso, tratou de prender o larapio e enviou-o para Tondella, onde se acha na cadeia. No caminho, o larapio quiz fugir e chegando ao rio *Dinha* lançou-se á agua. De nada lhe valeu, porque um dos cabos que o escoltavam, logo o seguiu e agarrou-o immediatamente. Segundo consta, já não é a primeira que faz aquelle *heroe*.

— A camara de Tondella está resolvida a dar principio ás estradas que devem ligar as freguezias do norte do concelho.

— No dia 28 de outubro teve logar em Lobão a costumada romaria de S. Simão e a feira d'este nome.

— No dia 29 houve a feira dos Carvalhaes, no concelho do Carregal do Sal. Como o tempo estava bom, houve grande concorrencia a esta feira.

— Partiu para os banhos da Figueira da Foz, a esposa e filhos do sr. João Francisco de Carvalho, negociante estabelecido em Villa Pouca de S. Joaninho, concelho de Santa Combadão.

Tambem partiu para Ançã a sr.ª D. Maria Francisca Novaes de Meirelles Rangel, natural e descendente de uma familia conhecida n'essa cidade.

* * *

SECÇÃO AGRICOLA

A PODA DAS VINHAS

Aproveitando o tempo bellissimo que ultimamente tem feito, tem quasi todos os nossos viticultores adiantado bastante os trabalhos da poda. Parece-nos que ainda nos não deveriamos entregar já a este serviço, attendendo a que quanto mais cedo se fizer mais cedo as vinhas rebentam e no nosso clima bastante frio, ficam sugeitas a queimarem-se com as geadas os tenros pampanos que desabrocham primeiro. Ainda não está definitivamente designada a epoca propria em que deve ter logar a poda. Uns fazem-a agora, outros, talvez os mais praticos, fazem-a em meados de dezembro e outros ainda fazem-a em abril. Nós entendemos a mais racional a feita em dezembro pela razão seguinte:

A poda em outubro não deve fazer-se porque a seiva ainda circula e conhecee-se isso perfeitamente porque quando se dá o córte a vide ainda *chora*; empregamos de proposito este termo por ser o mais usado aqui, e este *lagrimejar* não é mais que a seiva ainda em circulação. Ora havendo circulação, a vida da planta ainda não está estacionaria e não o estando, não deve podar-se porque ha perda de seiva. A seiva é para as plantas o que o sangue é para os animaes. Assim como nós nos sentimos fracos e anemicos quando perdemos algum sangue, assim a videira com a perda da seiva se definha. E' por este principio que reprovamos a poda do principio do outono e tambem pela mesma rasão a da primavera. Oliver Serres, diz:—mais cedo, mais rama; mais tarde, mais fructo.

O conde Odart, celebre viticultor, opina todavia pela poda do outono, e receia a poda serodia por causa do derramamento de seiva. Approva a opinião geralmente recebida, de que as vinhas velhas devem podar-se «no fim do outono» e as novas no fim do inverno».

Não ha questão sobre a utilidade da poda, mas ha-a com relação á qualidade. Uns approvam a poda curta, outros, a longa. Nós entendemos que uma vinha forte em um bom terreno, requer a poda comprida: n'este mesmo terreno mas em uma vinha fraca, deve dar-se-lhe menos vara; oito a dez olhos n'aquella, e cinco a seis n'esta.

Em mau terreno nunca a vara deve ter mais de seis olhos para não vêrmos a latada ficar só com rama e sem fructo, ou com muito pouco. Tem-se escripto muito sobre este ramo de cultura; mas tudo isso é mais apropriado ás regiões puramente viticulas onde na maior parte se cultiva a vinha baixa.

Entre nós o systhema mais usado e tambem o mais adequado aos terrenos e clima é a vinha em latadas, ou vinha alta. Attendendo no nosso modo de cultura, a vinha, que é de «grande arborescencia» como lhe chamam os auctores francezes, vêmos n'um artigo d'um jornal de agricultura a descripção que se fez d'um genero de poda e amanho que se adopta na granja eschola de Hubandiéres, para instrucção dos aprendizes viticultores;

«O systema de cultura e poda da vinha conhecido na *Turena*, com os nomes de processo de *Chissay, en chaintre*, ou ainda de *poda longa rasteira*, é empregado na granja eschola de Hubaudiéres ha annos a esta parte. A plantação é feita em fileiras á distancia de 3 a 6 metros uma das outras, ficando n'estas fileiras separadas as plantas por intervallos de 2 a 3 metros. A videira, em vez de ser lançada em ramada alta, é estendida ao longo da terra, apoiando os seus braços ou longas pernadas sobre pequenas estacas que o levantam quanto fôr sufficiente para que os inumeros cachos, que nos pampanos das suas varas se produzem, se não arrastem pela terra, mas que d'ella possam receber o calôr reflectido, necessario á sua maturação. A qualidade da pólla é a mesma usada entre nós. Na *Turena*, conhecem-se vinhas em fileiras de 6 metros distantes umas das outras e as plantas separadas n'essas fileiras por 2 metros as quaes produzem 50 hectolitros, ou proximamente 10 pipas de vinho por hectare do terreno cultivado. Ainda que não seja senão a titulo de experiencia aconselhamos aos nossos viticultores, a cultivarem algumas fileiras de vinha por este simplissimo processo, e comparal-o com a producção de egual terreno do nosso systema. A experiencia, diz o sr. *Nanquette*, demonstra que a *poda longa* na vinha *rasteira*, produz um rendimento, não só mais consideravel nos annos abundantes, mas tambem a sua producção média é mais regular e uniforme. Este facto explica-se pelo menor risco das geadas da primavera e pela diminuição das probabilidades de aborto das flores e de outros accidentes que concorrem durante o curso da vegetação».

SECÇÃO OFFICIAL

DIRECÇÃO GERAL DA INSTRUCÇÃO PUBLICA

1.ª Repartição

Tendo chegado ao conhecimento de Sua Magestade El-Rei algumas duvidas e difficuldades levantadas por occasião do cumprimento das disposições contidas na portaria de 26 de setembro ultimo relativa ao serviço de matricula e frequencia das escolas de instrucção primaria;

E tendo Sua Magestade em vista que o intuito das disposições referidas fôra, sem deixar de reguralisar o serviço alludido, o de remover os obstaculos que para a matricula nas ditas escolas podessem resultar da falta dos recenseamentos escolares, os quaes na maior parte das freguezias se não têem podido conseguir;

Ha por bem o mesmo augusto senhor determinar o seguinte:

1.º São prorogados até o fim do proximo mez de novembro os prasos de matricula e de abertura de cursos nocturnos, estabelecidos nos n.os 2.º e 10.º da citada portaria;

2.º Não são obrigados a novas matriculas, nem á apresentação das declarações a que se refere o n.º 5.º da mesma portaria, os alumnos que no anterior anno lectivo hajam frequentado a escola em que pretenderem continuar;

3.º As alludidas declarações serão gratuita e respectivamente passadas, em papel commum, pelo parocho, pelo regedor de parochia e pelo delegado de saude do concelho, sendo consideradas como informações officiaes prestadas a bem do serviço publico, e não podendo aquelles funccionarios em caso algum exigir por ellas quaesquer emolumentos, visto como nenhuma lei os tem establecido nem poderia justificar tal exigencia;

4.º As declarações mencionadas no n.º III da citada disposição 5.ª podem tambem ser feitas por outro qualquer facultativo, se assim mais convier aos interessados; e quando no concelho não haja sub delelegado de saude, e não possam aquelles obtel-as de outro facultativo, serão ainda supprimiveis por meio de simples informações verbaes ou escriptas, dadas pelos paes, tutores ou encarregados dos alumnos matriculados;

5.º Só poderão ser abertos á frequencia os cursos nocturnos legalmente creados e dotados, e as gratificações devidas pela regencia d'elles serão as que nas suas dotações tiverem sido estabelecidas;

6.º Os livros mencionados no n.º 13.º da citada portaria serão fornecidos pelas camaras municipaes dos concelhos a que pertençam as escolas;

7.º Os governadores civis dos districtos administrativos do continente e das ilhas adjacentes, e os commissarios da instrucção primaria dos mesmos districtos, deverão sem demora adoptar as providencias que forem necessarias para cumprimento das disposições precedentes e das da citada portaria, dando em casos de duvida as instrucções adequadas, de modo que, de harmonia com o fim das mesmas disposições, se não recuse nunca admissão á frequencia das escolas aos alumnos que tenham direito e obrigação de as frequentar, e se faça a matricula e admissão provisoria dos alumnos a cujo respeito faltarem informações indispensaveis, sendo estas em seguida officialmente solicitadas pelos professores por intermedio dos administradores dos concelhos.

SECÇÃO LITTERARIA

VIVOS E MORTOS

A

JOSE EDUARDO D'ALMEIDA VILHENA

Meu caro Vilhena.—Ha perto de quarenta annos que nos conhecemos. Eu já nem sei ha que tempos!... Sei que foi ahi pelo começo do *Campeão*, quando o meu querido collega publicou um romance, o *Emigrado*, e que escrevia folhetins com o fallecido Francisco Rezende e o Elias Fernandes Pereira, e eu escrevia então no *Commercio de Coimbra* onde, por força, queria sustentar a liberdade do commercio. Uma utopia. Nós todos escreviamos muitos erros, porque a nossa intelligencia e talento estavam a purificar-se n'essa grande escola do jornalismo, e d'alli sahimos com as armas luzentes e promptas para o combate.

Aquillo é que era tempo! Que bella rapaziada tinha então essa formosissima e jámais esquecida cidade. O Vilhena, Agostinho Pinheiro, Francisco Rezende, o Camillo, os Regallas (José e Luiz), o Gaspar Osorio, José Osorio, José Souza, João Carlos Machado, Elias Fernandes Pereira (o Gustavo Mora), o Anselmo de Moraes (o Alselmito, lhe chamavamos nós), o Alberto Souza, e outros que não me lembram, e d'estes poucos restam. Era tambem o Alexandre da Conceição, que então poetisava uns olhos negros, o Elmano da Cunha, o José Fortunato Themudo e o irmão Fortunato, o Pompilio Santhiago, o José Ferreira, então sargento de caçadores e hoje official da repartição de fazenda, botando namoro com alta personagem, e depois na rua Larga (hoje José Estevam) e sem as arrogancias e vingançazitas que teve para commigo na repartição. Deus lhe perdoe, mas não ganhou muito com isso. Fez-me mal, todo o mal, mas eu não lh'o merecia, porque se devia lembrar dos ossos e cinzas frias dos nossos paes, que dormiam o somno eterno. Paciencia.

Que bellos tempos aquelles, ó Vilhena! Aquellas noites, no Alboy, com o baile das tricanas; as nossas serenatas, os nossos cavacos, e sobretudo havia uma nota estimavel entre nós todos—nenhum de nós bebia; e com isto as nossas pandegas, os nossos bailaricos, as noites de S. João, eram sempre cheias d'attractivos e nenhum de nós jogava as cristas, porque as nossas cabeças, se não governavam por causa do amor physiologico e nunca psycologico das tricanas, governavam bem porque não nos embebedávamos.

E o Matheus de Magalhães? Onde fica esse bohemio de grande coração e grande alma? Onde estará elle hoje, porque, se fôr vivo, ha-de ter saudades do seu Aveiro, como eu tenho e terei em quanto fôr vivo (menos da repartição de fazenda que foi o meu calvario e a causa d'esta terrivel doença que hoje soffro).

E o João da Maia Romão? Esse bom rapaz então, que já fazia caricaturas a nós todos e até ás tricanas?

E depois havia a politica em nós todos, sem que essa politica nos estremasse nos bailaricos, no gremio, nas tocatas, nas cegadas.

E você, Vilhena, sempre um *raffiné*, um *dandy*, e o Machadito, o Guilherme, que era outro janota d'alto lá com elle!

E aquellas noites do carnaval passadas em casa do Sousa da Vista Alegre, no Alboy, onde nos divertiamos, onde se namorava, mas namoro serio, n'aquelle *engano d'alma* de que falla Camões!

E o Alberto Sousa meio desconfiado, meio exquisito a tocar flauta, o bom José Sousa violão, e o Eliziario rebeca, no que era eximio, e eu violão tambem por desfastio!

E todos nós faziamos versos. Eu tambem poetizei. Fiz versos a tudo, até a um perdigueiro que tinha meu thio Fernando.

E a poesia morreu toda, porque d'ella resta apenas o plectro despedaçado, a musa evaporou-se, e a versalhada sumiu-se, creio que nos papeis velhos.

Ai! que tempos, meu Vilhena! E o que nós eramos d'amigos? Todos por um sem descrepancia, e a prova é que sendo eu sempre antagonista, em politica, do meu caro Vilhena, nunca nos insultámos, nunca nenhum de nós ambos deixou de ser amigo.

Na primeira lucta politica a que ahi assisti, creio que foi em 1861, entre seu cunhado e nosso querido amigo, o ex.mo sr. conselheiro Manuel Firmino e o grande orador José Estevam, apesar de parte a parte se jogarem as cristas a valer, nós, que de dia faziamos uma politica de seiscentos diabos, á noite lá estavamos no Alboi, nos bailaricos das tricanas, ou no theatro, vendo representar a Henriqueta Morena, de quem eu era o Cabrion, e a Gasparinho, que na primeira noite deu logo provas de um talento scenico muito apreciavel, na representação do drama de Camillo Castello Branco *Purgatorio e Paraizo*.

De noite a politica dormia a somno solto. Nós, a rapaziada, no Alboi; os caturras e não caturras na classica batota em casa do nosso amigo José Maria, ou em casa de meu thio ou do grande advogado Bento de Magalhães.

No outro dia começava a lucta. Os jornaes *Campeão* e *Districto* feriam lume, mas era lume de palha.

Ai tempos! tempos!

E aquelles decantados theatros do Rato e da rua da Fabrica da Louça, onde o fallecido Manuel Maria Themudo copiava o typo do *Doce Maria?*

E depois as epocas das praias, na Costa Nova, em S. Jacintho! Alli namorava-se com toda a coragem. O mar despertava em nós todos os arrobos de poesia. Tudo era alli poeta, e até as *demoizelles* faziam versos.

E tudo passou. De tantos, alguns já se sumiram na gelidez das sepulturas, deixando-nos a nós a viva saudade, saudade que se não extingue em meu coração, principalmente do Gaspar Osorio, o maior amigo que tenho tido na minha vida. Sim. Aquelle é que foi um amigo como poucos. As nossas almas parece que se identificaram, e que os nossos pensamentos eram um só nos nossos cerebros. Jámais o esqueci e esquecerei. E do José Sousa e do José Osorio? Fomos os tres da verdadeira poesia da amizade. E morreram ainda umas creanças! Como a vida lhes fugiu depressa.

Pobres amigos! Que a saudade seja a unica consolação da perda da sua amizade e dos eeus grandes corações.

(*Continua.*)

HENRIQUE DA CUNHA.

BIBLIOGRAPHIA

Os Gatos.—Mais um esplendido n.º d'esta interessante revista. Eis o seu summario:

Visita á exposição industrial. — Secções parciaes d'industrias portuguezes. — O expositor de numeros unicos.—Industrias platonicas e industrias viaveis.—O que expõe só para provar que *cá tambem se faz.*—Historia d'uma cadeira-tamborete, ou para que serve maiormente a pauta proteccionista.—Attribulações do homem do guarda chuva, que foi preso, e ainda teve que dar vinte e cinco tostões ao bengaleiro.—As industrias fortes.—Lacunas, erros e intrujices da exposição industrial.— De como lhe falta o pitoresco, e se occultam os preços para logro do publico e locupletação do intermediario.—Os lanificos; cheviotes inglezes de Arrentella, flanellas allemãs d'Arroios, e cazimiras francezas da Covilhã.—Mercadores e alfaiates ladrões.—De como todas as materias primas vem fóra e a industria vive exclusivamente de falsificações e emitações.—Modo de fazer chitas *nacionaes*.—Diagnostico dos costumes atravez da exposição do mobiliario.—Resenha das industrias mobiliarias em Portugal.—Contadores, bufetes e cadeiras de sola portuguezas.—A mobilia D. João V.—Documentos tradicionaes da mobilia rustica, e projecto de reconstituição d'um mobiliario genuinamente portuguez.—Conclusão.

Taboada Intuitiva.—Acabamos de receber da typographia da *Beira Baixa*, do Fundão, um pequeno livro, nitidamente impresso, que se destina seguramente a produzir um granpe bem a todos os que se dedicam ao estudo das rudimentares noções da taboada de sommar, diminuir, multiplicar e dividir. Com o antigo processo de ensino falava-se tão sómente á memoria dos aluumnos; com este methodo fala-se-lhes primeiramente á intelligencia, sendo de uma perfeita singeleza.

Aconselhamos a sua acquisição a professores e alumnos, seguros de que lhes fazemos n'isto um bom serviço.

Esta edição consta de duas tiragens: os exemplares da 1.ª (com explicações) custa apenas 50 réis, e os da 2.ª (sem explicações e destinada aos alumnos) custa sómente 30 réis.

Estes livrinhos devem achar-se brevemente á venda n'esta cidade no estabelecimento do sr. Fontes Pereira de Mello, á Praça do Commercio.

Chorographia de Portugal.—Acabamos de receber as paginas 17 a 24 da *Chorographia de Portugal, Illustrada*, do sr. Ferreira Deusdado, obra editada e primorosamente executada pela casa Guillard, Aillaud & C.ª, de cujas officinas sahiram os magnificos mappas coloridos que a acompanham, e dos quaes dois—Carta dialectologica e mappa politico de Portugal, com a rede completa dos nossos caminhos de ferro—veem juntos com as paginas a que acima nos referimos.

O texto ainda, intercalado com sete bellas gravuras, representando alguns dos mais notaveis dos nossos monumentos, trata da constituição politica portugueza, da divisão administractiva, judicial e ecclesiastica e fornece interessantes dados estatisticos sobre a instrucção e receitas publicas.

A obra completa está já á venda em todas as livrarias por 1$000 réis, podendo tambem ser feito qualquer pedido á filial da casa Guillard, Aillaud & C.ª, na rua Aurea n.º 242, 1.º Lisboa.

ANNUNCIOS

CONTRA A TOSSE

Auctorisada pela Inspectoria Geral da Corte do Rio de Janeiro

XAROPE PEITORAL JAMES, unico legalmente auctorisado pelo Conselho de saude Publica, ensaiado e approvado nos hospitaes. Acha-se á venda em todas as pharmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na Pharmacia Franco & Filhos, em Belem. Os frascos devem conter o retrato e firma do auctor, e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de junho de 1883.

Deposito em Aveiro—Pharmacia e Drogaria Medicinal de Ribeiro Junior.

TYPOGRAPHIA

VENDE-SE uma pequena typographia completa. Na typographia d'este jornal se diz quem está encarregado da venda.

«Offender-se-ha assim o pundunor d'este povo? Não se attenderá sequer a que os olhos da Europa se voltarão para nós com desprezo?

«Um processo para o conde de Thomar; um processo para o ministro que dá commendas por caleches; um processo para o traficante de graças em seu proveito. Um processo, sim; e como consequencia um demissão prompta.»

O CONDE DE THOMAR E O CALECHE

«Recebemos uma carta dando-nos uma conta exacta da historia do caleche e da commenda. Diz-se-nos como é que se verificára tudo. Conta-se-nos que em virtude do caleche já o conde de Thomar fizera com que o ministro da fazenda despachasse um parente do Frescata; e conclue asseverando que sendo verdade no fundo o que nós hontem contámos da tentativa do pagamento, ha com tudo uma variante n'uma pequena circumstancia que ainda é mais deshonrosa para o presidente do concelho.

«Nós temos tudo com a verdade do facto sem nos importar esta ou aquella palavra, esta ou aquella circumstancia, embora seja mais aggravante ou mais attenuante. O caleche foi dado pelo Frescata; o Frescata recebeu uma commenda. Que as fantasmagorias do dinheiro na loja do segeiro fossem d'este ou d'aquelle modo não nos importa.

«A peita é certa. A demissão do ministro, e um processo é uma consequencia infallivel. Se não processam o ministro é preciso processar Lisboa inteira. E' preciso que o conde de Thomar nos chame aos tribunaes. Avante, sr. conde. Aos tribunaes, ou nós ou vós. Temos ainda mais cousas que as do caleche, sr. conde. Julga v. ex.ª que a honra e a probidade são qualidades indifferentes? Avante, sr. conde, e depressa visto que vai de caleche.»

Comparo-se agora esta versão calumniosa com a declaração solemne, que o mesmo Antonio Nunes fazia no proprio dia 23, debaixo de juramento, em presença de testemunhas, mesmo depois de ter ido ao escriptorio da *Revolução de Setembro* receber inspirações. E' a seguinte.

«Declaro debaixo da minha palavra de honra e juramento, se necessario fôr, que tudo quanto se diz na Revolução de Setembro de 22 do corrente no artigo = A' ultima hora = Um revez ministerial = é falso e calumnioso; e que os quatrocentos e oitenta mil réis, mandados pelo sr. conde de Thomar, para pagamento do caleche, feito na minha fabrica, passaram para as mãos do sr. João Maria de Figueiredo, porque este me havia já adiantado aquella somma e outras, como consta das nossas contas. Declaro outrosim que o sr. conde de Thomar é, e foi estranho, ás transacções que entre mim e o sr. João Maria de Figueiredo tem existido. Lisboa, em 23 de novembro de 1849 = *Antonio Nunes.* = Foram presentes no acto da assignatura Manuel de Mattos, aparelhador de carpinteiros, e Francisco Martins, aparelhador de pedreiros, ambos residentes em Lisboa, Francisco Martins, e Manuel de Mattos.»

Esta declaração authentica foi publicada no *Diario do Governo* n.º 281 de 28 de novembro; e n'esse mesmo Diario apparecem os seguintes attestados, abonados por firmas da maior respeitabilidade, que põem em toda a sua luz este negocio.

«Ill.mo e ex.mo sr. Marquez de Fronteira. = Tenho a honra de rogar a v. ex.ª me declare no verso d'esta carta, se assim fôr do agrado de v. ex.ª, aliás pela fórma que mais conveniente lhe parecer, se é ou não verdade = que o segueiro Antonio Nunes, na occasião em que estava concluido um caleche para o ex.mo sr. Conde de Thomar, pediu a v. ex.ª, *que tivesse a bondade de ir á sua fabrica para vêr um caleche que lhe havia encommendado o sr. Conde de Thomar.* = Tenho igualmente a honra de prevenir a v. ex.ª que, se v. ex.ª me authorisa, farei uso d'esta carta, e da resposta de v. ex.ª Aproveito esta occasião para agradecer a v. ex.ª este importante favor, a que uma inesperada maldade obriga. Lisboa, 27 de novembro de 1849. = *João Maria de Figueiredo.*

«Ill.mo sr. = Em resposta á carta de v. s., datada do presente ao Conde de Thomar, accrescentando, que como o achava muito bonito lhe guardasse eu os modelos para lhe fazer outro igual em tempo competente. Em consequencia o sr. João Maria de Figueiredo pagou me e levou o caleche, passando eu o recibo da importancia do mesmo caleche, em nome do dito sr. João Maria de Figueiredo.

«Passados alguns dias appareceu na minha officina o sr. João Maria de Figueiredo, perguntando aos meus operarios, se tinha por alli apparecido um criado do sr. Ferrugento, ao que estes responderam que não. Passados porém poucos minutos chegou um criado do Férrugento com uns embrulhos de soberanos (libras) que deu ao sr. João Maria de Figueiredo, dizendo que seu amo estava doente, e por isso não ia pessoalmente levar lhe aquelle dinheiro que lhe mandava o conde de Thomar e que era a importancia do caleche.

«Este facto não foi presenciado por mim, porque eu não estava então na loja; mas foi visto pelos meus operarios, que estão promptos a justificar o que assevero n'esta carta.

«Esta é a verdade dos factos que eu lhe peço, sr. redactor, tenha a bondade de publicar e = Sou de v. etc. — *Antonio Nunes.*—Lisboa 22 de novembro de 1849.»

E para ainda mais attenuar a evidencia de provas tão ponderosas contra a sua calumnia ajuntou-lhe mais outra carta de subterfugios, assignada ainda pelo mesmo Nunes no dia 28, que é a seguinte:

«*Sr. redactor da Revolução de Setembro.*—Vejo-me precisado a tornar outra vez á imprensa, para responder ao que hoje appareceu a meu respeito no *Diario do Governo*. Não quero offender ninguem, mas devo dizer a verdade para com ella me defender.

«Aos senhores marquez de Fronteira e conde de Tojal disse eu que o caleche era para o sr. Conde de Thomar; mas disse-lho quando elle já estava quasi acabado, e quando era impossivel occultar-lhes o dono, porque já tinha pintadas as armas do sr. Conde de Thomar. Mas eu não podia dizer a suas excellencias que o sr. Conde de Thomar me tinha feito do velho despotismo decahido, jornal predilecto de D. Miguel, e do seu partido desesperado. Este jornal inglez, que *a liga despotico progressista* de Portugal escolheu, e escolheu bem, para representante das suas tendencias, appareceu com um tecido de requintados embustes, que no seu furor de calumniar tocou a méta do impossivel e fabuloso, attribuindo ao Conde de Thomar uma fortuna roubada, de mais de 700 contos de réis, cujo simples enunciado faz assomar o riso do desprezo aos labios de todo o portuguez!

O Conde, ultrajado, intendeu dever por uma vez reprimir esta guerra desleal da imprensa britannica, chamando aos tribunaes de Londres (que não são tolerantes de immoralidade como o jury portuguez) o seu officioso accusador *Morning-Post*. Este, achando-se desprovido de provas para defender as suas calumnias perante juizes tão imparciaes, recorreu naturalmente aos seus correspondentes de Portugal para que lh'as remetessem. Não era possivel satisfazer a esta requisição; porque taes provas não existem!

N'este apuro, a fertil imaginação dos forjadores de aleives, julgou dever acudir ao seu alliado com uma diversão, que podesse impressionar as consciencias do jury inglez, inventando novas falsidades contra a reputação do Conde de Thomar, ainda que de um genero assaz rasteiro. Estrearam-se representando o primeiro-ministro de Portugal, a quem o *Morning-Post* attribue uma fortuna de 158:000 lb. st. — a vender uma graça a um Cidadão, aliás digno d'ella e antigo amigo do ministro, pela *peita* de umas—100 lb. st!... E com que circumstancias!... Vejamos!

Foi o *Patriota*, jornal da plebe *vermelha* de Lisboa, o primeiro que formulou esta accusação, e no seu *Supplemento burlesco*, folha despresivel, de caricaturas indecentes, em que ha longo tempo tem esgotado até ás fezes o calis da infamia, a publicou em cinco linguas estrangeiras (já se vê para que fim) nos termos seguintes:

«O Conde de Thomar tendo recebido de uma pessoa denominada Frescata 1 um soberbo Caleche, no qual diaria-

1 Cumpre saber que este sugeito, a quem o jornal da canalha indi-

GRANDE HOTEL VOUGA

EFFECTUOU-SE no dia 10 de setembro a abertura inaugural d'este magnifico hotel, sem contestação o primeiro da cidade, com explendidos commodos, admiraveis vistas para todos os pontos de Aveiro, e comidas de primeira qualidade, a preços reduzidos, em meza redonda ou separada.

O **Grande Hotel Vouga**, em todas estas condicções, excepcionaes, n'uma terra como esta, vem substituir o antigo *Hotel Aveirense*, em edificio proprio, desde o seu começo feito para um estabelecimento grandioso como este. Tem a todos os comboyos carro na estação do caminho de ferro da cidade, gratuito para os seus freguezes, garantia que nenhum outro offerece tanto aqui como lá fóra. Por todas estas razões, que são na verdade extraordinarias, o **Grande Hotel Vouga** deve ser de preferencia procurado por todos, e assim o espera o seu proprietario, que se não poupa a exforços para eleval-o á altura em que se encontra.

DIRECTOR TECHNICO—**E. ESTACIO**

COMPANHIA PORTUGUEZA HYGIENE

FABRICA A VAPOR DE PRODUCTOS CHIMICOS E PHARMACEUTICOS

CAMPO PEQUENO

ESCRIPTORIO PRAÇA DE D. PEDRO, 59, 1.º
PHARMACIA » » » » 60 a 63

Deposito—RUA DO PRINCIPE, 92 A 100

LISBOA

Esta companhia é a **unica** no paiz que fabrica em grande escala es por processos, machinas e apparelhos os mais modernos e aperfeiçoados, grande numero de *preparações e especialidades chimico-pharmaceuticas* em perfeição de acabamento egual ou superior ás simulares d'origem estrangeira, sendo porém as de seu fabrico *garantidas* pela companhia, nos seus componente, tanto em quantidades, como em qualidades e por preços *excessivamente menores*.

Além d'isso a companhia negoceia em todos os artigos que interessam ás classes de *medicina, cirurgia, pharmacia, e chimica*, taes como objectos de cautchouc, apparelhos de laboratorio, etc., sendo pela sua dupla qualidade de fabricante e commerciante em grande escala, a casa *fornecedora mais conveniente e completa de pharmacias, hospitaes, laboratorios chimicos, etc., etc.*

Fornecem-se catalogos e informações a quem as requisite

FABRICA DE PRODUCTOS CHIMICOS

E

PHARMACEUTICOS

RUA 24 DE JULHO, 382,—**LISBOA**

A. DA CUNHA & BASTOS

N'ESTA fabrica preparam-se já os seguintes artigos que vimos recommendar ao publico:

ALGODAO hydrophilo, borico, hemostatico, dito ao (frasco de 100 grammas), io do formado, phenico, salicilado, com sublimado, com thymol.—BRILLANTINE.—CARVAO vegetal lavado, pó, dito frasco de cap. de 250 grammas, dito vegetal granulado, dito frasco de 250 grammas.—CONFEITOS de aloes, brometo de camphora, chloreto de ferro, copahiba, cupahiba e cubebas, ergotino 0,1—lactato de ferro, sulphato de quinino 0,2—EMULSAO de oleo de figados de bacalhau com hyposphosphitos.—Grangêa de semen-contra.—Grãos de Saude, f. de Frank.—GRANULOS antimonio ferruginosos, arseniato de antimonio, arseniato de ferro, arseniato de soda, arseniato de strychinina, granulos strophantus.—YRRIGADOR d'Esmarck.—PILULAS Blaud, Blancard, Wallet, ditas de Wallet prateadas.—PASTILHAS comprimidas em frascos como as inglezas com tampa de metal, em caixas de 12 frascos; de antipyrina 0,25, de bi-carbonato de soda, de bi-carbonato e cocaina, de bi-carbonato e saccharina, de chlorato de potassa, de chlorato de potassa e borax, de carvão e iodol, de carvão e salol, de carvão e naphtal, de cascara sagrada: de coca, de coca e kola, de Guasantonina, de chocolate com santonina e calomelanos. RHUBARBO granulado (f. Mentel). RHUM E QUINA em frascos do formato Roger e gallet, dito em caixa de 12 frascos. SINAPISMOS caixa de 10 e de 100. (Pode imprimir-se o nome do comprador sem augmento de preço conforme a quantidade).—S. DLITZ granulado kilo, dito em frascos de 250 grammas, formato Chanteaud. VELOUTINE branca ou rosa, caixas modelo Coudray.

Estes preparados recommendam-se pelos bons resultados obtidos, barateza e descontos.

Os annunciantes não tendo a menor duvida da qualidade d'elles, remettem amostras a quem as requisitar para a RUA 24 DE JULHO, 382, LISBOA.

EXTRACTO COMPOSTO DE SALSAPARRILHA DE AYER—Para purificar o sangue, limpar o corpo, e cura radical das escrophulas.

PEITORAL DE CEREJA DE AYER—O remedio mais seguro que ha para cura da tosse, bronchite, asthma e tuberculos pulmonares.

O REMEDIO DE AYER CONTRA SEZÕES—Febres intermitentes e biliosas

VIGOR DO CABELLO DE AYER—Impede que o cabello se torne branco e restaura ao cabello grisalho a sua vitalidade e formosura.

Todos os remedios que ficam indicados são altamente concentrados de maneira que sahem baratos, porque um vidro dura muito tempo.

PILULAS CATHARTICAS DE AYER.—O melhor purgativo suave e inteiramente vegetal.

———

PERFEITO DESINFECTANTE E PURIFICANTE DE JEYÉS, para desinfectar casas e latrinas, tambem é excellente para tirar gordura ou nodoas de roupa, limpar metaes e curar feridas.

Vende-se em todas as principaes pharmacias e drogarias.—Preço 240 réis.

———

ACIDO PHOSPHATO DE HORSFORD

Faz uma bebida deliciosa addicionando-lhe apenas agua e assucar; é um excellente substituto de limão e baratissimo, porque um frasco dura muito tempo. Tambem é muito util no tratamento de Indigestão, Nervoso, Dyspepsia e dôr de cabeça. Preço por frasco 700 réis, e por duzia tem abatimento.—Os representantes srs. JAMES CASSELS & C.ª, rua do Mousinho da Silveira,—Porto, dão as formulas aos srs. Facultativos que as requisitarem.

PÓS DE KEATING
PÓS DE KEATING
POS DE KEATING

MATAM

PULGAS
PERCEVEJOS
BARATAS
TRAÇAS
MOSCAS
FORMIGAS

ABSOLUTAMENTE *inoffensivos para os animaes domesticos*, são infalliveis na destruição de parasitas e insectos nas suas differentes phases. Em resultado da grande venda que teem estes pós em todo o mundo, numerosas imitações apparecem á venda e que são inefficazes. Exija o publico que as latas tenham a assignatura do inventor *Thomas Keating*, e embrulhadas em papel verde. *Agencia e venda só por grosso, rua dos Fanqueiros, 114, 1.º andar—Lisboa;* venda por grosso na Pharmacia Barral em Lisboa e em todas as principaes pharmacias e drogarias do reino.

Pós de Keating.
Pós de Keating.
Pos de Keating.

PREGOS D'ARAME

GRANDES DESCONTOS

PARA REVENDER

ENVIA-SE TABELLAS A QUEM AS REQUISITAR

COMPANHIA VICTORIA

Rua das Janellas Verdes

LISBOA

UNICO DEPOSITO

DE

FUNDAS NACIONAES E ESTRANGEIRAS

DE

ANTONIO TEIXEIRA DA MOTTA

RUA DE D. PEDRO, 87

PORTO

GRANDE sortimento de todas as classes de **fundas** dos melhores systemas conhecidos, fazendo-se por medida para todas as roturas, cujas necessidades só assim pódem ficar garantidas. Tambem se fazem **fundas** para creanças, curando-se todas, sem ser por milagre, mas só com o uso das **fundas** d'esta casa e o competente exercicio physico. N'este estabelecimento encontra-se um grande sortimento de **cintos umbelicaes e mechanicos**, assim como **meias elasticas, suspensorios escrotais**, etc., etc.

No mesmo estabelecimento faz-se toda a qualidade **d'apparelhos orthopedicos** para todas as deformidades que aparecem no corpo humano e que seja compativel a sua applicação. O systema porque são executados estes **apparelhos e fundas** é bem conhecido dos **ex.mos medicos portuguezes** e de muitos estrangeiros, que os recommendam aos seus pacientes com a maxima confiança.

E como não ha de ser assim, pois que se a digna classe **medica portugueza** viu pela primeira vez fabricados em Portugal, **apparelhos** e **fundas** com perfeição, e satisfazendo aos que soffrem conforme as suas necessidades, devem-n'o unicamente só a mim, sendo o primeiro que ha 32 annos introduzi no paiz o ramo **orthopedista**, fazendo-o sempre acompanhar de todos os melhoramentos e descobertas que tenho feito á custa d'um aturado estudo, e segundo as necessidades que se tem apresentado. N'este ponto nada tenho que receiar, nem invejar dos estrangeiros.

Previno, por isso, os dignos **facultativos** e os meus numerosissimos freguezes para que não confundam o meu estabelecimento com outros de egual genero que ha na mesma rua e cujos proprietarios foram meus officiaes.

Antonio Teixeira da Motta.

CASA AFRICANA

TRAVESSA DA VICTORIA, 33 A 37

CHEGARAM AS GRANDES NOVIDADES PARA A PRESENTE ESTAÇAO DE INVERNO

Lãs para vestidos, de grande novidade.
Cortes para vestidos, uma surpreza.
Boas de pennas com mais de 2 metros a 1$600.
Guarnições de pennas lindissimas desde 120!
Matelacez de seda largos, fortes, desde 1$000 até 6$000.
Velludos de seda pretos e côres desde 1$500.
Peluches de seda para confecções 4$500, 3$500 e 1$200.
Pannos francezes para casacos desde 1$000.
Visites modelos francezes 30$000, 25$000, 20$000, 15$000 e 9$000.
Grande sortimento de muitos outros artigos de grande novidade.

Sedas de Lyon

Em preto e todas as côres, por preços sem competencia, devido a condições especiaes exclusivo d'este estabelecimento por contracto com o proprio fabricante.

CASA AFRICANA

TRAVESSA DA VICTORIA 33 A 41,

REGIMENTO DE CAVALLARIA N.º 10

O conselho administrativo do dito regimento faz publico que hade proceder á arrematação em hasta publica na sala das sessões do referido conselho, dos artigos que seguem, bem como dos estrumes produzidos pelos solipedes do referido regimento nos dias e horas abaixo designados, a saber:

1.º No dia 20 do corrente mez pelas 11 horas do dia, arrematação de concertos de calçado para praças de pret.

2.º No dia 20 do corrente pelas 12 horas do dia, arrematação de canhões e sapatos do novo padrão para officiaes inferiores e soldados.

3.º No dia 21 do corrente mez, pelas 12 horas do dia, arrematação dos differentes artigos, a saber: capacetes, laços, penachos, luvas d'anta, ditas d'algodão, francaletes para barretes. galão preto e de côr de lã, dito, de sêda, toalhas, presilhas para cós de calças, ditas para sapatos, botões grandes e pequenos de metal, tiras de carneira para barretes, pequenos equipamentos, botões de sarrote, lenços, etc.

4.º No dia 22 do corrente pelas 11 horas do dia, arrematação de medicamentos para a infermaria veterinaria.

5.º No dia 22 do corrente pelas 11 horas do dia, arrematação dos estrumes produzidos pelos solipedes d'este regimento.

Todos estes fornecimentos são pelo tempo d'um anno com principio em 1 de janeiro de 1894, até 31 de dezembro do mesmo anno.

Para ser admittido a estas arrematações, deverão os concorrentes fazer os seguintes depositos provisorios. Para a 1.ª arrematação 8:000 réis; para a 2.ª 25$000 réis; para a 3.ª 30$000 rs.; para a 4.ª 12$000 rs.; para a 5.ª 50$000 réis.

Os concorrentes devem entregar as suas propostas em carta fechada, assignados por si e seus fiadores até áquella hora.

As mais condicções, acham-se patentes na secretaria do mesmo conselho, todos os dias, desde as 10 horas da manhã até ás 2 da tarde.

Quartel em Aveiro, 3 de novembro de 1893.

O secretario do conselho,
João Vieira Pessoa de Campos.
tenente.

LECCIONISTA

JOÃO Maria Pereira Campos Junior, reabriu as suas aulas de instrucção primaria, portuguez e francez, bem como um curso de habilitação para os exames dos candidatos ao magisterio primario.

Todos os alumnos leccionados pelo annnnciante obtiveram approvação nas referidas disciplinas.

Admitte alguns alumnos internos de idade até 12 annos.

Morada—Bairro Novo do Rocio—Aveiro.

FUNDIÇAO DO OURO

PORTO

A Fabrica de Fundição do Ouro, fundada em 1864 por Luiz Ferreira de Souza Cruz, seu actual director e gerente, *que foi premiada com as primeiras medalhas na exposição industrial portuense de 1861, sendo uma por distincção; com a medalha de prata na exposição agricola de Braga em 1863; com a medalha de honra na exposição agricola de Lisboa em 1864; com o diploma de merito na exposição Universal de Vienna d'Austria em 1873, e com a medalha de 3.ª classe da Associação Nacional, Agricola, Manufactureira e Commercial de Pariz em 1879*, acha-se hoje extraordinariamente augmentada com importantes machinas para auxilio dos seus trabalhos, e por isso muito habilitada para a construcção de machinas e caldeiras de vapor, tanto para terra como para mar, até á força de 200 cavallos, de qualquer dos systemas mais aperfeiçoados e uteis. Motores hydraulicos, machinas de destilação, prensas para azeite e para vinho, e toda e qualquer obra de ferro fundido ou batido, metal, cobre ou bronze.

Porto, 9 d'outubro de 1893.

TINTA PENINSULAR

Joaquim dos Santos e Silva, chefe dos trabalhos praticos do Laboratorio Chimico da Universidade de Coimbra, socio effectivo do Instituto de Coimbra e da Sociedade Chimica de Berlim, e socio honorario da Sociedade Pharmaceutica Lusitana; e Charles Lepierre, engenheiro pela Escola de Physica e Chimica Industrial de Paris, professor de Chimica na Escola Industrial de Coimbra e membro da Sociedade Chimica de Paris:

Declaramos que tendo examinado as *tintas de escrever, preta e de copiar*, da fabrica do sr. Alvaro Esteves Castanheira, de Coimbra, e tendo um de nós assistido á sua fabricação, achámos que ellas estão nas condições de poderem substitnir as melhores marcas estrangeiras. E podemos accrescentar, que estas *tintas* não criam bolor, como acontece com muitas outras, o que é devido não só ao aceio na sua preparação, mas tambem aos processos inteiramente novos que introduzimos no modo de lhes conservar as suas qualidades primitivas sem prejudicar o resultado final, que consiste em fornecer ao publico um producto sempre da mesma composição e ao mesmo tempo hygienico. Com effeito, sabe-se que um grande numero de tintas estrangeiras são addicionadas de bichloreto de mercurio, antiseptico energico que conserva a tinta, mas que lhe dá propriedades nocivas, pois que este composto é um poderoso veneno, que póde occasionar graves accidentes, visto o costume que as crianças têm ordinariamente de levar a tinta aos labios Estes inconvenientes não podem ter logar com as tintas que examinámos.

Tambem assistimos na mesma fabrica á preparação do **lacre** de differentes côres, e pelos ensaios sobre a sua fusibilidade, a facilidade de combustão sem se tornar preto, etc., comparados com os productos de procedencia estrangeira, ficámos convencidos de que o **lacre** nacional da fabrica do sr. Alvaro E. Castanheira não é inferior em qualidade ao **lacre** estrangeiro.

Finalmente, o nosso exame ainda se estendeu ás *tintas de cores e de marcar roupa, gommas e collas liquidas*, que achámos serem de excellente qualidade, apresentando todas as garantias de perfeita conservação.

E por ser verdade passamos a presente declaração que assignamos. Coimbra, 6 de janeiro de 1893. — (a) *Joaquim dos Santos e Silva*—(a) *Charles Lepierre.* (Segue-se o reconhecimento).

VENDE-SE

UMA grande porção de madeira de eucalipto já servida, e bem assim algumas portas e caixilhos para janella já usados. Quem pretender falle com o mestre d'obras Antonio de Sousa, que está encarregado da venda.

BONITO CAVALLO

VENDE-SE um cavallo, de mais da marca de quatro para 5 annos, para cavallaria, podendo servir tambem para carro. N'esta redacção se diz com quem se trata e onde pode ser visto.

VENDE-SE

UM carro de 4 rodas, com tolde de verniz da Russia, com 4 logares dentro e dois fóra, com 2 cadeiras, uma atraz e outra adiante, construido ha pouco tempo na casa Latourette, do Porto. Quem o pretender póde dirigir-se a Antonio José de Freitas Guimarães, de Pardelhas, concelho de Estarreja.

As pessôas que conhecem as PILULAS DO DOUTOR DEHAUT DE PARIS não hesitam em purgar-se quando precisão. Não receiam fastio nem fadiga, porque ao contrario dos outros purgativos, este só obra bem quando é tomado com bons alimentos e bebidas fortificantes, como Vinho, Café, Chá. Quem se purga com estas pilulas póde escolher para tomal-as, a hora e refeição que mais che convier conforme suas occupações. A fadiga do purgativo sendo annullada pelo effeito da bra alimentação, si se decide facilmente a recomeçar tantas vezes quanto for necessario. 5 fr. e 2 fr. 50

Auctorisado pelo Tribunal do Contencioso technico na sessão de 27 de junho de 1893.

INSTRUMENTOS DE ELETRICIDADE

COLLOCAM-SE campainhas eletricas, botões de chamadas, quadro indicador de chamadas, portavozes, etc.

Observam se e concertam-se, todos os instrumentos eletricos de qualquer systema, tanto em Aveiro como fóra d'esta cidade.

Dirigir carta a Antonio Maria Duarte, estação telegrapho-postal | AVEIRO.

AMA DE LEITE

OFFERECE-SE uma. Na typographia d'este jornal se diz.

PAPIER WLINSI Remedio soberano para a cura rapida de *affecções do peito, catarrhos, males da garganta, bronchites, resfriamento, defluxo, rheumatismo, dôres, etc.;* 20 annos de maior successo attestam a efficacia d'este excellente derivativo, recommendado pelos primeiros medicos de Paris.

Deposito em todas as pharmacias.—Em Pariz, rua de Seine, 31.

FILTRO CHAMBERLAND

SYSTEMA PASTEUR

O unico filtro industrial capaz de se oppôr efficazmente á transmissão das doenças pelas aguas destinadas á alimentação. Unico filtro adoptado mediante concurso para o serviço do exercito francez.

———(*)———

ACADEMIA DAS SCIENCIAS

PREMIO MONTLOION

SEIS MEDALHAS DE HONRA

EXPOSIÇÃO UNIVERSAL DE PARIS DE 1890

UNICA MEDALHA DE OURO

Concedida pela classe de hygiene, conforme consta do catalogo official das recompensas—Classe 64, pagina 4:794

Deposito especial para Portugal, Rua Nova do Almada, 79—Lisboa.

NOTA—Remettem-se catalogos illustrados com os diversos typos de filtros e preços dos mesmos a quem os requisitar.

CAMBISTA TESTA

78, RUA DO ARSENAL, 78

ESTA casa é a que offerece as melhores vantagens em todas as operações de cambio e loterias. Esta casa é a unica que vende os bilhetes da loteria portugueza a 5$000, meios bilhetes a 2$500 e decimos a 500 réis. Basta addicionar ao pedido o porte do correio e dirigir ao cambista José R. Testa.—LISBOA.

DIRECTOR E RESPONSAVEL—*M. F.*

Typographia Aveirense, Largo da Vera-Cruz.—Séde da administração, Rua da Vera-Cruz, Aveiro.

«mento passeia as ruas de Lisboa, o dito Frescata foi nomea-«do Commendador da Ordem de Christo.»

«Le comte de *tomar* ayant reçu dernièrement d'une per-«sonne nommée Frescata une superbe caleche, dans laquelle «il se promene publiquement dans les rues de Lisbonne, a «nommé, peu de jours aprés, ce même Frescata commandeur «du Christ.

«El conde de *tomar* dias despues de haber recebido de «um sugeto llamado el Frescata un magnifico *caleche*, en el «cual se pasea publicamente en las calles de Lisboa, ha nom-«brado el dicho Frescata comendador de Christo!!

«A few days after count *tomar* received from a person «of the name of Frescata a superbe *caleche* in which he is «daily seen riding through the streets of Lisbon, the said «Frescata was named Knight commander of the order of «Christ!!»

«Il conte di *tomar* ricevette da certa persona chiamata «Frescata un presente de un superbo *calesse*, nel quale pas-«seggia publicamente per le contrade di Lisbona. Pochi gior-«ni dopo il suddetto Frescata fu fatto commendatore di Cristo!!!

«Wenige Tage machdem der Graf von *tomar*, von ci-«nem gewissen Frescata, cine kostbare *caleche* geschenkt be-«komme und woriu der Graf taglich durch die Strassen von «Lissabon fahrt, wurde gennanher Frescata zum' comman-«deur der Christ ordens enannt.»

Em quanto este ridiculo pasquim correu n'essa folha escandalosa o vil ninguem fez caso d'elle. Não tardou porém, que *a Revolução de Setembro*, folha socialista que se imprime sob os auspicios dos chefes d'aquelle partido, tomasse o nego-

ca pela alcunha de «Frescata» (termo de giria, que significa «impassibilidade») é o cidadão proprietario João Maria de Figueiredo, antigo amigo do Conde de Thomar, e que muitos serviços têem prestado em diversas epocas, e com o maior desinteresse, ao partido cartista portuguez.

«mezes, voltou de novo a minha casa convidando-me para ir «vêr o caleche do sr. Conde de Thomar, que se achava con-«cluido, a fim de poder decidir se queria que a carruagem, «que condicionalmente lhe encommendei, fosse forrada da mes-«ma fazenda, e indo, passados tres dias, á sua officina alli vi «o mesmo caleche concluido, e mostrando-me a fazenda de «que se achava forrado, que me disse ter sido escolhida pelo «sr. Conde de Thomar, lhe respondi que com quanto fosse «muito bonita, eu a preferia branca e do mesmo padrão; e «n'esta occasião, e em todas as vezes que fallou comigo, sem-«pre mencionou o sr. Conde de Thomar, como dono do cale-«che, sem que nem o mais remotamente me désse a entender «que era um presente que se lhe fazia.

«Sou com toda a consideração.=De v. s. muito atten-«to venerador e criado.=*Conde do Tojal.*

«S. C. 27 de novembro de 1849.»

Então a *Revolução de Setembro* conhecendo o máo effeito que produziam estes documentos contra os calumniadores do Conde de Thomar, engendrou uma fallaz declaração *por escripto*, redigida no seu escriptorio, e assignada por preceito de obediencia pelo contradictorio artista A. Nunes, (o qual mal sabe escrever) que fingiu ter sido escripta no dia 22 de novembro (comparem se as datas), posto que só a publicou no dia 29 depois de ter apparecido no *Diario* o depoimento *jurado* do mesmo artista, do dia 23. Ei-la aqui.

«*Sr. redactor da Revolução de Setembro.* = Tendo eu «lido na *Revolução de Setembro*, de hoje (22) um artigo re-«lativo a um caleche feito na minha officina, cujo caleche me «foi encommendado pelo sr. João Maria de Figueiredo, e que «pertence hoje ao sr. Conde de Thomar; e havendo no dito «artigo algumas cousas menos exactas, rogo lhe por isso o fa-«vor de rectificar o artigo da *Revolução* da maneira seguinte.

«O sr. João Maria de Figueiredo (por antonomasia o «Frescata) mandou á minha officina fazer um coleche; e de-«pois d'ella prompto, ou quasi prompto, me disse que o aper-«feiçoasse o mais que fosse possivel, porque queria fazer d'elle «hoje 27, e que agora mesmo recebo, devo dizer, que encon-«trando ha tempos na rua nova da Trindade o segueiro An-«tonio Nunes, e perguntando-lhe se elle tinha um cabriolé de «quatro rodas, que me conviesse, disse-me que n'aquella oc-«casião não tinha, e que estava acabando um caleche que o «Conde de Thomar lhe tinha encommendado, o qual desejava «que eu visse; o que não teve logar, porque nunca mais me «lembrou assimilhante objecto.

«Não tenho a menor duvida em que v. s. publique tan-«to a sua carta como esta minha resposta. De v. s. attento «venerador=*Marquez de Fronteira.*

«27 de novembro de 1849.

———

«Ill.mo e ex.mo sr. Conde do Tojal.=Tenho a honra de «rogar a v. ex.ª o obsequio de declarar no verso d'esta car-«ta, ou pela fórma que mais lhe agradar, se é ou não verda-«de—que o segueiro Antonio Nunes procurou a v. ex.ª por «muitas vezes para ir vêr á sua fabrica um caleche que ha-«via feito ao sr. Conde de Thomar — e se indo examina-lo «percebeu, por qualquer fórma, do segueiro Antonio Nunes, «ou de alguns dos operarios, que o referido caleche havia si-«do mandado fazer por outra pessoa que não fosse o mesmo «sr. Conde de Thomar. Se v. ex.ª me permittir farei uso de «esta carta, e da resposta de v. ex.ª

«Aproveito esta occasião para pedir perdão a v. ex.ª de «um incommodo a que uma inesperada maldade obriga.

«Sou de v. ex.ª com respeito e consideração=*João Ma-«ria de Figueiredo.*

«Lisboa, 27 de novembro de 1849.

———

«Ill.mo sr. João Maria de Figueiredo. = Em resposta «á carta que v. s. me dirigiu na data de hoje, devo partici-«par-lhe que é verdade ter o meu segeiro Antonio Nunes, «vindo a minha casa com o fim de me induzir a mandar fa-«zer na sua officina uma carruagem, dizendo-me por esta oc-«casião que estava fabricando uma por ordem do sr. Conde «de Thomar; e passando, pouco mais ou menos, dous a tres

cio entre mãos, e renovasse a accusação de *peita*, corroborando-a com o testemunho de um certo A. Nunes, operario que construira o tal caleche, homem rustico e desmorarisado, implicado em quantas revoltas têem havido em Portugal e ainda ultimamente accusado de ter parte activa em um projecto de assassinio de D. Carlos Mascarenhas, Commandante da Guarda Municipal de Lisboa—homem finalmente conhecido como um cego executor das ordens do *Club vermelho* de Lisboa. Eis-aqui a tal denuncia *vocal* apparecida nos n.os 2306 e 2307 da *Revolução de Setembro* de 22 e 23 de novembro.

A' ULTIMA HORA

UM REVEZ MINISTERIAL

«A conversação d'esta noute versa toda sobre o caso do «*caleche-frescata*. O conde de Thomar quiz vêr se arranjava «pela sua esperteza costumada um documento com que mos-«trasse que o caleche não fôra a paga da commenda. Para es-«se fim apresentou-se na officina do segeiro onde tinha sido «feito o caleche, e disse que o ia pagar. «Já está pago» disse «o segeiro. «Quem o pagou?» O sr. Frescata»—respondeu o «honrado operario. «Pois receba esse dinheiro (disse o conde) «e passe-me o recibo, entregando-o depois ao sr. Frescata se «quizer.» «Não recebo duas pagas (respondeu o segeiro); o sr. «Frescata pagou-me o caleche, porque foi elle quem m'o en-«commendou. Não tenho nada com v. ex.ª» O conde sahiu «estonteado e furioso.

«Mr. Teste foi processado; que se faz ao conde de Tho-«mar? Apanha-se este homem em flagrante prevaricação e «consente-se nos conselhos da rainha, na presidencia do con-«selho, com a pasta do reino? As leis que punem a peita de «que servem? E' um caso publico, ha para prova d'elle im-«mensidade de testemunhas; já não são os palacios, as quin-«tas, que attestam a prevaricação; é um facto preciso, espe-«cificado, sobre que não se admitte duvida. Ficará o poder «moderador mudo e quedo diante d'este escandalo publico?